

**ALBANO**  
o novo e habilidoso  
extremo do Sporting  
*(Foto Nunes de Almeida)*



# Stadium

N.º 48 ★ 3 DE NOVEMBRO DE 1943



A inscrição dos desportistas em qualquer organismo dirigente de uma modalidade subordina-se presentemente a certo número de obrigações, tendentes a garantir a aptidão física do postulante, sua preparação regular e idoneidade moral e civil. O critério a que obedecem estas determinações é insusceptível de reparo porque, sejam quais forem as contingências criadas, o desporto deve ser uma actividade benéfica, escola de carácter com as fileiras rigorosamente depuradas.

Todas as reformas provocam de início embaraço e confusão; os executantes, habituados a outros preceitos mais condescendentes, estranham o rigor e assumam-se com pormenores que a prática demonstra depois serem de elementar simplicidade.

Tal é o caso que está sucedendo com a apresentação, realmente onerosa, do certificado de bom comportamento moral e civil, um dos documentos que deve acompanhar as propostas de filiação de qualquer desportista para efeitos de representação clubista em provas oficiais.

Diz o art. 58.º do Regulamento da Direcção Geral dos Desportos que a autorização ao inscrito é dada por este organismo, incumbindo, porém, às federações e associações dirigentes passar a respectiva licença, mediante determinadas condições.

Acontece que os organismos desportivos, que são independentes para cada modalidade, interpretam a lei exigindo para passagem da licença a entrega de todos os documentos indicados no artigo 59.º — entre os quais figura o certificado de idoneidade moral, que importa em mais de vinte escudos.

Ninguém pretenderá que semelhante encargo possa ser dispensado. Simplesmente pode parecer consequência de errada interpretação que o mesmo documento comprovativo tenha de ser apresentado, para o mesmo indivíduo, em tantas associações quantas as modalidades que pratique. É uma sobrecarga ociosa.

O espírito do regulamento, que se nos afigura não ter sido compreendido pelos dirigentes desportivos, está bem patente no texto do citado art.º 58, que diz: «Só podem inscrever-se para a disputa de competições oficiais ou particulares as pessoas que possuírem a respectiva autorização especial da Direcção Geral»; e esclarece depois o § 1.º: «as licenças serão passadas pelas federações ou associações».

É, portanto, a Direcção Geral que o indivíduo deve solicitar a autorização, mediante apresentação de determinados documentos que o abonam para a prática do desporto em geral — e não dêste ou daquele desporto. A sua idoneidade será depois comunicada, para efeitos da passagem de licença, pela D. G., a cada organismo interessado.

Porque é esta uma verdade que importa a muita gente, chamamos para ela a atenção dos dirigentes desportivos.

SALAZAR CARREIRA

**P**ARA a presidência da Comissão Central de Árbitros da Federação Portuguesa de Futebol, foi nomeado Cosme Damião, um dos nomes de maior prestígio no futebol de há trinta e tal anos. Cosme Damião, que as novas gerações talvez conheçam pouco, foi, especialmente, o homem do Benfica. Segurou o popular clube no seu primeiro momento de crise. E, de um clube sem campo, que tinha de jogar nas Salésias, fez o clube que teve o estádio das Amoreiras. O seu Sport Lisboa elevou-o ele, em grande parte, à categoria de um dos melhores clubes do país.

Mas Cosme Damião, excelente jogador na sua época, grande capitão de equipa, dirigente desportivo no tempo da Liga de Futebol, teve e tem fama como técnico do popular desporto. Tem até um livro publicado sobre futebol. Dispõe de qualidades magníficas para o lugar.

Foi, pois, uma escolha acertada, que representa o regresso de uma figura de destaque do futebol nacional à actividade dirigente.

**F**ALAMOS, há três números, de Alvaro de Lacerda, desportista ilustre que a morte ceifou recentemente. Pusemos em relevo todas as facetas do seu talento — o da sua dedicação. Apontámos, por isso, a sua passagem pela rádio, como recitador impedível. Foi o valor de Alvaro de Lacerda, neste aspecto da sua actividade, mereceu agora uma brilhante crónica ao dr. Júlio Dantas, uma das glórias da literatura portuguesa.

A crónica vem publicada no «Primeiro de Janeiro» de 14 de Outubro. É um trabalho que honra o ilustre escritor — e que constitui uma homenagem a Alvaro de Lacerda, relativamente aos notáveis serviços que prestou à literatura do país com a leitura de trechos escolhidos entre os melhores escritores nacionais.

**M**ARCA, o excelente diário madrileno de desportos, dispensou grande relevo à recepção com que o público lisboeta acolheu os estudantes espanhóis que vieram de Toledo a Lisboa, pelo Tejo. A sua edição semanal, que conserva as características da revista gráfica da especialidade, trás uma página repleta de fotografias.

Ai está como a população da capital contribuiu para a boa propaganda do país.

**E**SPÍRITO Santo regressou aos campos de futebol. O regresso do antigo avançado e atleta do Benfica agradou por completo — ao seu clube e a todos os outros. É que Espírito Santo, sendo um atleta de excepção e recursos, é, sobretudo, um atleta correcto — em campo e fora do campo. Por nossa parte, regozijamos duplamente com o facto — como prova de que o atleta venceu definitivamente a crise que o afastou da actividade desportiva durante mais de dois anos, e como perspectiva de valorização para o futebol nacional.

**O** Vitória de Guimarães acaba de vencer o Farnalhão por 7-0, passando para o primeiro posto da classificação, no seu campeonato. Foi uma vitória — a tempo...

ANO XI — Lisboa, 3 de Novembro de 1943 — II SÉRIE-N.º 48

**STADIUM**  
REVISTA DESPORTIVA  
Director e Editor  
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da  
SOCIETUDE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:  
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º  
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.  
Composição e impressão tipográfica na  
GRAFICA SANTELMO — LISBOA  
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**O** Sport Clube do Porto, clube portuense de grande expansão, ganhou, este ano, todas as provas de remo em barcos de oito remadores. Para festejar as vitórias conquistadas durante a época, promoveu há dias, um banquete, que constituiu excelente e oportuna manifestação de vitalidade do clube.

As figuras mais em relevo foram António Nascimento Neto e Fernando Barbedo, a quem o Sport deve notáveis serviços.

**R**EGISTAMOS sempre, com aplauso, o esforço dos dirigentes desportivos na repressão de abusos no terreno da luta. O desportista quer-se correcto, dedicado — e leal. É, portanto, justo que registemos com agrado os louvores concedidos, pelas entidades federativas, aos atletas que se distinguem pelo seu comportamento em qualquer incidente.

Os louvados de agora foram Armando Jorge e Quirino, antigos jogadores de futebol. A ambos apresentamos os nossos desejos de que mereçam sempre elogios.

**N**UM ou noutro ponto do país, aparecem, de quando em quando, actos que traduzem simpatia e auxílio dos municípios locais pelo desporto — e que são por isso dignos de registo e de elogio. Mas não nos recorda de obra tão completa como a que o capitão João Lopes, presidente da Câmara Municipal de Mafra, tem realizado naquele concelho.

O sr. capitão João Lopes fez construir um estádio municipal em Mafra e tem fomentado e auxiliado a prática dos desportos em todas as freguesias. A obra realizada pela Câmara de Mafra deve constituir exemplo — para todo o país.

**O** relato dos campeonatos nacionais de natacão da «Obra Social de Recreio e Descanso», em Espanha, lembra-nos um problema que foi já discutido entre nós, mas sem solução: a divisão dos nadadores em duas categorias. É prática seguida em alguns países, como solução de estímulo para os nadadores menos categorizados, bem como para outros desportos.

De modo geral, a presença dos camprões — especialmente quando por parte destes há grande superioridade — afasta os concorrentes mais modestos. Não é bem pelo recio de perder sempre — mas pelo receio das exhibições desniveladas, que desagradam por vezes ao público. Julgamos que valia a pena tentar a experiência. Não se perdesse nada com isso. E talvez se ganhasse alguma coisa...

**N**O Instituto dos Pupilos do Exército inaugurou-se, recentemente, um tanque para ensino do remo. Registamos o facto com simpatia. Mas estimamos que o tanque sirva de propaganda — para o remo de verdade, em barcos.

Em Lisboa existem várias tanques para aprendizagem de remo, mas a província vai ganhando as provas... Não bastam os tanques. É preciso haver também entusiasmo.

**A** «Taça de Honra» de hockey em patins tem despertado grande entusiasmo, tendo sido disputada com muita regularidade, numa sucessão de jornadas em que se efectuaram desafios de larga emoção.

Até determinada altura, houve a impressão de que o Benfica, antigo campeão de especialidade, reassurgiu de um marasmo de algumas épocas, podia ganhar o torneio. Mas o Paço de Arcos retomou o ritmo das suas vitórias e acabou por vencer — com inteiro merecimento — pois triunfou em todos os jogos do torneio.

**O** ciclismo nacional anda em maré de pouca sorte. Fazem-se poucas provas e nem sempre logram êxito. Agora disputou-se um «criterium» em Miranar, organizado pelo corredor Anceto Bruno, em nome do Futebol Clube do Porto.

A prova de amadores chegou ao fim, com a vitória de Onofre Tavares. Mas a de independentes teve de ser interrompida, devido ao mau tempo.



# Projectos e realidades

Crónica de SALAZAR CARREIRA

**M**ARECE algumas palavras de referência especial o esforço que está sendo empregado pela secção de atletismo do Sporting Clube de Portugal desde que tomou posse da nova pista do Estádio do Lumiar.

Diligenciou primeiro, aproveitando o período imediato à organização dos Nacionais, promover pequenos programas abertos aos atletas de todos os clubes filiados, os quais lhes facultariam o acesso vantajoso a uma pista que, no dizer da crítica, era a maior necessidade do atletismo lisboeta. Mas apenas o Casa-Pia respondeu ao apelo — e a iniciativa teve de ser posta de banda.

Voltaram-se, então, as atenções dos sportingistas para o indispensável recrutamento de novos adeptos, promovendo todos os domingos pequenos concursos com as provas do programa oficial de estreates. O êxito foi muito além da expectativa.

O trabalho dos clubes, neste sentido, localizará-se sempre nos meses da primavera que antecedem imediatamente os torneios oficiais. Ora a nova orientação do Sporting permite a selecção dos elementos com aptidões, de maneira a poder-lhes ser ministrada preparação conveniente, com a antecipação eficaz.

Os elementos reconhecidos interessantes ingressarão agora, no princípio do inverno, nas classes de ginástica que o Sporting vai, com certeza, inaugurar muito em breve (supomos que seja um dos primeiros objectivos da sua nova Comissão Administrativa), e beneficiarão de toda a assistência necessária ao seu aperfeiçoamento e progresso.

O tempo tem ajudado os propósitos do clube — foram já quatro os torneios efectuados. Nos dias em que o terreno está ocupado pelos jogos de futebol, a secção — para não perder oportunidades — tem feito disputar duas corridas no intervalo entre o encontro das reservas e o das categorias de honra, contribuindo simultaneamente para a propagação do atletismo e para o adestramento dos novos praticantes.

Para o próximo domingo está anunciado um festival mais completo, compreendendo corridas de 60, 250, 700 e 2000 metros, saltos em altura e comprimento, lançamentos do peso e disco, e que se destina ao apuramento definitivo dos atletas que vão ser sujeitos à experiência de preparação metódica.

Entre as muitas dezenas de rapazes que têm comparecido aos torneios do Sporting, revelaram-se alguns esperançosos valores, cujas marcas não deixam dúvida sobre os recursos naturais desses aprendizes, que os mestres vão educar metódicamente. Merecem realce os corredores de velocidade Jorge Machado, Artur Dias, Manuel Colação, Joaquim Silveira e José Maria Conde; os corredores de meio-fundo Humberto Bastos (1 m. 51. 9 s. nos 700 metros), Carlos Castelo Branco e Orlando Monteiro; os corredores de fundo Manuel Santos Franco, José Araújo e Artur Martins; o lançador António Viegas; e os saltadores Pereira da Cunha, Guilherme Sequeira e Américo Fiuza.

Fixamos estes nomes por agora, e voltaremos a consultar a lista na época próxima, para verificar quantos deles apareceram nas relações dos classificados.

Já se fala na temporada de 1944; rei morto, rei posto.

Os clubes com equipas constituídas esperam confiantemente a hora de recomoçar o trabalho, que nas circunstâncias actuais quasi praticamente se não interrompe, pois os atletas estão obrigados à frequência preparatória numa classe de ginástica. Se a medida for tomada com todo o seu rigor — anteveamos o afastamento de inúmeros praticantes, aos quais há-de ser difficilissimo instalar no novo regime.

Algumas colectividades desconhecidas no atletismo parecem dispostas a interessar-se pela sua prática; seria caso para sincero regozijo se esse empenho se manifestasse sempre

na forma moral e louvável do estímulo à população associativa, atraindo novos praticantes aos exercicios atléticos. Infelizmente, alguns processos diferem e sabemos de tentadores oferecimentos apresentados, por certo clube onde não faltam os atractivos, a um atleta de grande classe em situação de independencia, e até a outros que a lei conserva «pressos».

Também consta, com as maiores probabilidades de garantir, que determinado estabelecimento de ensino superior acha imprópria a participação dos seus alunos nas equipas clubistas, considerando-se viavel a hipótese de filiação na respectiva Associação Académica, que apresentaria nos campeonatos do ano próximo um forte agrupado de campeões de nome feito — e classe formada pelo trabalho de preparação nos clubes respectivos.

Finalmente, embora sem certeza formal, espera-se que a Federação dê despacho, antes da corrida do ano a vir, à questão suscitada pelos incidentes de chegada da estafeta Cascais-Lisboa — que se arrasta há sete meses, a ver se esquece...

O problema da propaganda do atletismo não se resolve, está provado, pelos processos usados até agora. Se assim fosse, a divulgação e expansão da modalidade seriam muito maiores.

O caso não é facil de resolver; precisamos de encontrar solução para duas dificuldades, que são: aumentar o número de clubes praticantes e desenvolver a prática atlética noutros centros do País. Para ambos os sentidos, garantir desde logo os técnicos instrutores suficientes.

A actual regulamentação, assegurando a todos os organismos desportivos, grandes ou pequenos, poderosos ou debéis, o aproveitamento prático dos seus esforços organizadores, facilitará a criação de novos núcleos; mas estes não poderão continuar vivendo — viver, no sentido de progredir e produzir — se lhes não for prestado auxilio inicial. As Associações regionais deveriam manter, com treinadores seus, sessões regulares, em campos devidamente apetrechados, reservadas aos associados dos clubes iniciantes.

Palavras não chegam, precisamos de actos. Neste sentido agiria a Federação muito proveitosamente se promovesse a organização de um curso de instrutores, de curta duração e num período de férias, para o qual solicitaria aos altos poderes do desporto facilidades de deslocação para os candidatos vindos da provincia — que ficariam depois sujeitos a obrigações de ensino nas cidades de proveniência.

Porque nos interessa com o máximo empenho o desenvolvimento desta tese, limitamo-nos a pô-la hoje em princípio, reservando-nos para posteriores comentários sobre a melhor forma de execução prática.

As bases onde deve assentar o impulso para a expansão e progresso do atletismo poderão ser as seguintes:

- a) — nomeação de um técnico nacional adjunto à Federação Portuguesa de Atletismo e encarregado de elaborar um plano nacional, subordinando à sua orientação geral todas as actividades dispersas.
- b) — campanha intensa na imprensa, focando as vantagens do atletismo, ensinamentos técnicos, incutindo o entusiasmo pelas práticas e fomentando a sua divulgação.
- c) — palestras radiofónicas.
- d) — promover a organização frequente de concursos e a exhibição de grupos de atletas em várias localidades da provincia, de preferência em espectáculos associados a outro desporto com público conquistado.
- e) — criação de cursos de monitores e especialização de instrutores.
- f) — recompensas especiais aos atletas mais em evidencia na época.
- g) — auxilio financeiro às colectividades que prestassem melhor prova de interesse pela for-

## CASAPIANOS!

O vosso clube precisa de mil sócios!

**H**Á cerca de um mês, esta revista referiu-se, em editorial, às difficuldades que o Casa Pia Atlético Clube tem atravessado ultimamente — e lançou um apelo a todos os casapianos, lembrando-lhes a conveniência de se unirem, visto que sómente mercê da congregação de esforços e de boas vontades lhes será possível restituir à colectividade um pouco, pelo menos, do seu abalado prestígio.

A avallar, pelos informes de vária natureza que até nós chegaram, a sugestão da «Stadium» foi ao encontro de um movimento embrionário e fê-lo alastrar mais depressa, derivando de tal facto as ocorrências que depois se verificaram dentro do clube e às quais passamos a referir-nos.

A poucos dias ainda das eleições feitas em Setembro, reconhecem-se que a nova direcção nunca poderia desempenhar-se cabalmente da tarefa que era necessário levar a cabo, não porque lhe faltasse competência para esta ou até para missões de maior vulto, mas única e simplesmente porque a maioria dos novos directores, devido à sua vida profissional, não podia dar ao Casa Pia A. C., a atenção e o trabalho indispensáveis para atingir o fim em vista.

Unanimemente de accordo sobre o assunto, a direcção demitiu-se para permitir que um grupo de sócios encetasse diligências junto de antigos condiscipulos, graças às quais foi possível organizar um elenco mais satisfatório.

A respectiva eleição effectou-se no penúltimo sábado, no decurso de uma assembleia geral que terminou em ambiente de entusiasmo, tendo contribuído para isso, de maneira preponderante, as considerações extremamente judiciosas que o sr. Luiz da Costa Santos, antigo presidente do clube e um dos seus sócios mais representativos, em boa hora se lembrou de fazer.

Com a exuberância de palavras que lhe é peculiar e com a veemência que há tanto tempo os casapianos lhe conhecem, o sr. Costa Santos, depois de apontar erros que prejudicaram imenso a vida do Casa Pia — autêntico sorvedouro de dedicações, as mais belas; inextinguível fonte de injustiças, as mais atrozes — ergueu um hino do louvor à Casa Pia de Lisboa e de fé no futuro da prestante colectividade.

Ecôam ainda agradavelmente nos nossos ouvidos as expressões entusiásticas daquele orador, do mesmo modo que nos lembramos dos encômios tecidos pelo presidente da direcção cessante, sr. dr. Darwin de Vasconcelos, à imprensa vespertina e desportiva, nos quais não esqueceu de citar a «Stadium», manifestando-se assim reconhecido pela colaboração e apoio que sempre demos ao clube.

Registamos e agradecemos a deferência, renovando a declaração de que nos propomos ajudar, desinteressadamente, tanto o Casa Pia A. C., como todas as agremiações em geral, a cumprir bem a ingrata e espinhosa missão de que se encarregaram.

A nova direcção dos casapianos, que é constituída pelos srs. António Gomes Marques, Francisco Marques, José Curto Canilho, Henrique Simões, Luiz Salgado Pires, José Pereira de Faria e Elias Inácio Pereira, tomou posse na terça-feira passada, perante elevado número de pessoas, às quais declarou que a sua missão immediata consistirá em fazer duplicar urgentemente a actual população associativa.

Quere isto dizer que, para recomoçar a interrompida carreira triunfal, o Casa Pia A. C. precisa de mil sócios.

Para os casapianos chegou, pois, o momento de tocar a unir — e de mostrar que são verdadeiramente amigos do seu clube.

REINALDO MONTEIRO

mação de novos elementos ou aperfeiçoamento das suas instalações.

b) — competições internacionais, sem a responsabilidade do carácter de selecção nacional.

i) — inclusão obrigatória de um representante da Direcção Geral dos Desportos nos juria dos campeonatos oficiais.



# Corrija o seu ESTILO

*A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes*

**1 — Lançador de dardo, que não conseguimos identificar —** A fotografia corresponde ao momento em que o dardo sai da mão. A atitude do lançador presta-se a interessantes comentários.

**1 —** A posição do braço, estendido acima do ombro, é a mais propícia para transmitir ao dardo o maior impulso, mas a rotação da cintura escapular foi insuficiente, prova de não ter havido perfeita conjugação de todas as sinergias musculares.

**2 —** A perna em apoio está bem estendida e a bacia não recua, o que indica ter ela desempenhado convenientemente o seu papel de escora, cuja oposição serviu para transformar a velocidade de translação da corrida em apoio impulsivo à projeção do dardo.

**3 —** A perna posterior, cujo pé deve ter arrastado pela ponta, prepara-se para vir à frente da outra travar em definitivo o balanço. Nalguns estilos, o dardo sai da mão mais cedo, antes do começo da deslocação da perna direita; a atitude deste lançador coincide exactamente com o ritmo de sincronização do método finlandês.

**4 —** O braço esquerdo não trabalhou o suficiente; o cotovelo devia ter ido até mais atrás, provocando maior rotação dos ombros, de forma que o ombro direito precedesse e puxasse o braço.

**5 —** A posição erecta do tronco mostra que não foi utilizado o trabalho dos músculos abdominais que, puxando o tronco adiante, ajudariam também o conjunto de acções impulsivas.

**2 — Fernando Matos Fernandes, co-«recordman» dos 400 metros barreiras. —**

Esta fotografia mostra que o atleta é um bom corredor de 400 metros — que passa mal as barreiras.



2

**1 —** A elevação do corpo foi exageradíssima; trata-se de um verdadeiro salto, quando a regra manda que a passagem da barreira seja uma simples passada, embora com características especiais; a origem deste procedimento é...

**2 —** ... a subida insuficiente da perna anterior, cujo pé devia elevar-se até ao plano da anca, pelo menos:

**3 —** Também a posição de abertura lateral da perna posterior não chega onde devia; o pé encontra-se mais baixo do que o joelho, que parece demasiado avançado para a fase da passagem (devia estar no prolongamento lateral da linha das ancas).

**4 —** Os braços afastados lateralmente provam o desequilíbrio geral; a sua posição devia ser anterior para o esquerdo e posterior para o direito.

**5 —** O tronco vai demasiado apurado; a sua forte inclinação anterior contribuiria para o abaixamento e accleramento da passagem.



Com esta página damos por concluída a tarefa. A nossa inovação mereceu diversas referências elogiosas — e até da Catalunha, de um camarada perito em atletismo, recebemos aplausos pela iniciativa.

Quando recommencem as lides na nova temporada reaparecerão os nossos comentários. Mas, até lá, «Stadium» não abandonará a sua campanha de propaganda técnica da modalidade.

Muito brevemente iniciaremos uma série de estudos sobre estilos de corrida, salto e lançamento, para a qual contamos solicitar a colaboração dos melhores atletas portugueses e, claro está, do indispensável Nunes de Almeida...



# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



O Sr. Presidente da República condecorando o estandarte da Sociedade de Tiro n.º 2



O Sr. Comissário Nacional da "M. P.", a bordo do "Lidador", na inauguração do curso de marinharia



O Sr. Director Geral de Desportos empossou a nova comissão Administrativa da F. P. F. A. Jorge Vieira assina o auto respectivo

(Fotos C. Madeira)



Aspecto da inauguração da "Casa da Mocidade Portuguesa" e da respectiva piscina.



ESTÁ EM JÓGO UM TÍTULO

## A adaptação dos seis concorrentes em jornada de lama e barro

por Tavares da Silva

**N**INGUÉM tinha saudades. Mas já tardava uma jornada de chuva e lama, pondo à prova o estado físico dos jogadores, e submetendo os sistemas a um transe difícil, pela necessidade da sua alteração, ou, pelo menos, de correções, tendo em vista as condições criadas pelo tempo e pelo terreno.

O futebol parece um jogo muito simples. Engana-se quem assim o julga. Talvez ele deva a essa ideia de simplicidade, mais aparente do que verdadeira, a razão do seu êxito e expansão. E deste modo se justifica, ou se compreende, que toda a gente discuta e se interesse pelo futebol, respirando sapiência em tudo quanto exprime ou a que se refere. É o ignorante, ou quasi, que, tendo o conhecimento sumário das regras adquirido empiricamente, se julga mais sábio do que o árbitro mais experimentado! É o frequentador dos campos por simples paixão clubista que, afirmando-se-lhe certas ideias na cabeça, se julga o técnico mais autorizado deste mundo! É o adepto que se considera fadado para o cargo de seleccionador! Etc., etc. De resto, fundamentalmente, isto é o critério do jogo.

No entanto — que difícil jogo desportivo, embora fácil na sua concepção, quando se quer chegar a um estado de apuramento e pormenorização, jogo em que é de desejar a individualização técnica, mas que em muito depende do sistema aplicado, o qual por sua vez varia conforme os arranjos, o valor e a orientação do adversário, as condições do tempo e do terreno, e ainda outras circunstâncias.

É evidente que, em campo de lama, não se pode jogar da mesma forma como quando o terreno se afigura um mármore liso, despidido de rugas e covas. Estas condições exigem, mesmo, um maior esforço por parte dos jogadores.

Qualquer dos três campos da luta lisboeta apresentava, no passado domingo, os estragos provocados pela chuva. O de Marvila com mais poças de água do que os do Lumiar. Estes, porém, muito barrentos, com todas as consequências que do facto derivam.

Não obstante, os três da frente, Belenenses, Benfica e Sporting, venceram com maior ou menor dificuldade. Os três dominando. Além disso, revelando uma superioridade (atenuada no Sporting) que gallardamente vem resistindo ao ataque do Atlético, Fósforos e Unidos, esta época mais viva e persistente que doutras vezes. A verdade é que essa superioridade se vinca mais e mais, à medida que o torneio decorre. Nem admira que tal aconteça. E que tudo se passe como as coisas estão na verdade a passar-se. Isto é, afrouxando o ataque dos três menos categorizados. O Atlético, insiste, porém. É que eles sentem os seus esforços infrutíferos. E aos poucos vão-se contentando com a sua sorte, alinhando em mente argumentos justificativos do seu comportamento e posição. Convencem-se de que não vale a pena remar contra a maré. Que todas as suas forças, reunidas e estimuladas, não chegam à força dos seus adversários. A força precisa.

### O Belenenses e as suas facilidades de adaptação

O Belenenses actuou no Lumiar A, em toada permanente de energia. Isto parece-nos curioso. Porquanto o grupo, não desdenhando aquele factor, costuma jogar à base da movimentação geral, em ordenação perfeita de passes. Talvez que esta característica seja a consequência do arranjo forçado do grupo e das próprias condições do desafio. Nem por isso deixa de ser curioso. E mais ainda, ao referirmos que o Belenenses começou a sua tarefa, como é seu hábito, com passagens rasteiras, de unidade para unidade, em combinações de triangulação, con-

cluidas, no entanto, muitas vezes, pelo golpe em perpendicular.

Depois, sentindo que a bola se agarrava ao terreno, combatendo a arte no jogo o *team* abandonou aquela prática, dando-se a outro processo, mais impreciso e menos belo, mas mais útil. A bola começou a rolar no ar, jogada muitas vezes com o bico da bota. Diga-se o que disser — talvez seja feio, é certo — mas o *bico*, com os terrenos enrugados de água e lama, ainda é excelente recurso. De sorte que, por este simples apontamento se vê que o Belenenses é uma equipa com facilidades de adaptação, coisa que não deve ser tomada como insignificante, pois um torneio não passa de um conjunto de encontros em condições que variam de semana a semana. Mal estaria a equipa — como haveria de ganhar o campeonato? — se soubesse jogar apenas na relva das Salésias. Ora, não acontece isso. Embora para a sua feição artística seja a relva o campo ideal, não há dúvida que o onze n.º 1 também se mostra capaz de jogar no barro, descendo um pouco o seu nível mas suprido pela energia e constante espírito ofensivo, um dos caracteres que designa o melhor, a dificuldade provocada por aquele factor.

O Belenenses parece estar compenetrado, e isso afigura-se-nos excelente, de que todos os jogos de campeonato são difíceis e mesmo os aparentemente fáceis. Ainda que, na posição em que se encontra, guardando-se como se aguarda uma escoregadeira, todos os seus desafios têm o valor de *final*. Quando um grupo nesta veia — é difícil a queda.

### A vitória no último quarto de hora. Porquê?

Se é assim, dir-se-á, se o Belenenses revelou esse admirável poder ou facilidade de adaptação, como é que a sua vitória se desenhou e foi conseguida, já dentro do último quarto de hora, pondo em estremeção de nervos e de emoção na fatigante partida?

E a pergunta só poderá ser feita, afinal, por quem não assistiu ao encontro. Para os que lá estiveram, não há dúvida que o Belenenses foi sempre, e de um modo geral, superior ao Unidos. Mesmo quando dominado. Quere dizer, o clube não forjou a vitória no período derradeiro, porque o desafio tivesse *dado a volta*. Em *argot* desportivo usa-se esta expressão quando uma equipa passa de vítima a vencedor. Não. Bem pelo contrário. O último quarto de hora apareceu-nos como uma consequência certa de tudo quanto antes se havia passado.

Porque o Belenenses não tinha feito o resultado até essa altura, um pouco devido ao chamado acaso do jogo (bolas que batem teimosamente nas travessas) e outro pouco à imperícia do remate. Imperícia não será bem o termo. Talvez a mania do rematador português que, à boca das redes, quando se impõe o toque ou o remate colocado, se decide pelo pontapé de força propício para farar as rédeas, mas que nunca as fura porque a bola, colhida na barriga do pé, viaja sempre velozmente para as nuvens.

Quando Rafael se mudou para o centro, ficaram, é certo, os lugares baralhados, provocando um jogo de ataque mais confuso, mas a solução tinha sido encontrada. Era preciso o remate. Havia o remate, em Rafael. E o segundo *goal* trazia agarrados o terceiro, o quarto e o quinto. E também a *débacle* do Unidos.

### O futebol frio do Unidos

Os valores espirituais — já o temos dito — influem muito no jogo da bola. Não é indiferente para o futebol de competição que um grupo se chame Belenenses e o outro Unidos. Quere dizer, um *team* é um conjunto de joga-

dores, mas também de homens animados por uma ideia superior, a ideia do clube, talvez coisa intraduzível, mas que insensivelmente vive e palpita em cada jogador de clube.

Ora, o Unidos tem-se esforçado por conseguir um *team* à altura da posição em que se firmou no futebol lisboeta, mas, apesar disso tudo, desde a sua fundação até hoje, os progressos são pouco visíveis. Os seus jogadores são habilidosos. De um modo geral, enérgicos e mostrando vontade (Baptista é um modelo, neste capítulo, o verdadeiro profissional com coração de amador). Mas o futebol do *team* resulta frio, como as pedras da calçada. Deixa-nos quasi indiferentes. Não tem chama, não arde, não explode. No domingo, mesmo quando as combinações eram bem engendradas, e aceitáveis, pela coordenação de uma célula para a outra, e neste capítulo a linha medular prestou por vezes bons serviços, o seu futebol nunca entusiasmou nem emocionou, por falta de qualquer coisa, o espírito e chama clubista.

Dir-se-ia tratar-se de um futebol pouco verdadeiro, nos seus fundamentos e combinação. Assim, nem chegou a admirar a queda do Unidos no último quarto de hora, quando o momento da adversidade lhe tocou à porta. Porque é justamente nessa altura que os *teams* com alma de clube revelam o seu orgulho e a sua grandeza (modelo Benfica). Ora, no Lumiar A, o grupo do Unidos apareceu-nos como um castelo de cartas que se desmorona ao primeiro sopro, como sucedeu por efeito do segundo ponto do rematador Rafael. De resto, a feição defensiva do grupo do Lumiar A, bem caracterizada do primeiro ao último momento, pela posição ocupada pelos jogadores em campo, ligando-se harmoniosamente com a feição atacante do Belenenses, favoreceu a vitória deste — provocando ao mesmo tempo a sua desgraça.

### O Benfica em Marvila

Já notamos que o Fósforos não é suficientemente prudente. Ou previdente. Também não colhe dos factos a necessária lição. Contra o Belenenses sucedeu o mesmo, menos vincadamente que, agora, contra o Benfica. Os homens de Marvila perderam num abrir e fechar de olhos, na fase do começo do encontro. Quando acordaram — já era tarde.

Ora, a tática dos clubes mais fortes que se deslocam para Marvila, sabendo previamente que têm de suportar aquilo que se pode designar por *febre local*, é simples. Consiste em não deixar respirar o seu adversário. Dominá-lo às primeiras, deixando-o um tanto ou quanto entontecido. Para isso os *teams* visitantes empregam-se a fundo no primeiro quarto de hora, com toda a energia, entusiasmo e saber. Em jogo caracterizadamente de ataque. Sabido e certo é que, quando o adversário, colhido de surpresa pela vontade e propósitos do que se põe ao ataque mel tendo soado o apito da arbitragem, se liberta da pressão, já estará perdido e subjugado em condições de êxito. O *visitante* como que lhe disse: *Como vês, somos melhores e há que ter, pelo tempo adiante, respeito pelo nosso futebol*.

O desafio de Marvila constituiu, portanto, um problema resolvido no começo. Verdade, o Fósforos reagiu, lutando com magnifico empenho até o fim, mas sempre batido.

O crítico José Malheiro, eludindo avisadamente, outro dia, ao Benfica-Atlético, afirmava que os avanços do Atlético não conseguiriam tornear com facilidade o obstáculo constituído pelos médios do Benfica, ao passo que os avançados do Benfica teriam mais facilidade em manobrar a defesa e a meia-defesa do Atlético. E daí a vitória do Benfica.

O problema, bem visto, era precisamente semelhante, em Marvila.

Em conjunto, a linha medular do Benfica dominou os acontecimentos, que o mesmo é que dizer a dianteira do lado oposto, ao passo que a linha avançada benfiquense teve dois homens — o suficiente — que dominavam as defesas, média e atrasada, do Fósforos. O resultado apareceu em função dos valores em presença. Nada mais natural.

Jogando melhor, o Atlético perdeu contra o Sporting

Os dois interiores do Sporting tiveram culpas acentuadas no jogo desenvolvido pelo seu clube. Trata-se, de resto, dos homens que hoje



# OUTROS TORNEIOS DE FUTEBOL

imprimem a feição do jogo num conjunto. Porque da sua inspiração depende o enquadramento geral. Porque dos seus pés resultará o desenho do ataque, como ponte de passagem de trás para a frente. Ora, os interiores do Sporting, que nem sequer merecem desculpa visto tratar-se de homens experientes e para os quais a bola não tem segredos, insistiram na demora da bola, e sua retenção, no passe rasteiro e no desenho de linhas curtas. Nestas condições, não afinaram com um golpe em perpendicular no seu avançado-centro, que continua a não ser aproveitado como se impunha que fosse, para o maior rendimento do conjunto.

O Atlético, com uma equipa menos experiente, mas em que o desejo de acertar e de fazer alguma coisa de interessante, é mais do que visível, adaptou-se com inteligência ao estado do terreno, progredindo em lances abertos e longos, e um pouco por alto, como convinha. Assim referido o caso, o Atlético somente não ganhou pela já conhecida deficiência portuguesa, a falta de remate. Em frente das redes, a indecisão ou tímidez de alguns dos seus avançados, e a má aplicação do chute, por parte de outros, tirou o brilho a uma tarefa a que a linha média vinha a dar uma bela expressão pelo trabalho definido e concreto de um — coincidência — antigo sportinguista.

Além dessas razões, já de si ponderosas, o Atlético perdeu ainda por outra razão também ponderosa, a organização da defesa do Sporting, com um Azevedo em tarde imbatível, e uma defesa (Cardoso) vendo todos os momentos e problemas com a necessária serenidade e visão. Que isto de jogar melhor, e perder, é vulgar num jogo em que se torna necessário marcar goals para vencer.

## Os números falam...

A classificação geral permanece inmutável quanto aos lugares distribuídos pelos seis competidores, a pesar de os números crescerem nuns clubes e minguarem noutros. Vejamos:

1.º Belenenses 21 pontos (7 vitórias em 7 desafios, 33-8 em bolas). 2.º Benfica 18 pontos (5 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 31-15 em bolas). 3.º Sporting 16 pontos (4 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, 19-16 em bolas). 4.º Atlético 13 pontos (3 vitórias e 4 derrotas, 21-25 em bolas). 5.º Fozos 9 pontos (1 vitória e 5 derrotas, 11-33 em bolas). 6.º Unidos 7 pontos (7 derrotas em 7 desafios, 15-33 em bolas).

A única consequência da sétima jornada é o Sporting firmar-se na 3.ª posição, afastando-se um pouco mais do Atlético. Praticamente, porém, a 7.ª jornada nada adiantou nem tirou ao desfecho da luta. Podia não se ter disputado — que era a mesma coisa. O Belenenses prossegue a sua carreira vitoriosa. O Benfica aguarda com ansiedade o desenvolvimento do torneio. Está naquela situação em que um clube joga as mesmo tempo, e em cada domingo, em dois terrenos — jogando num só campo.

## BIBLIOGRAFIA DESPORTIVA

### «FOOT-BALL ASSOCIATION»

por ARTUR FREIRE

A reduzida bibliografia portuguesa foi há tempo aumentada com este novo trabalho de Artur Freire — «Foot-Ball Association», onde se estudam e explicam as teorias que no futebol têm permanecido inalteráveis, desde a sua regulamentação, em 1863, até os nossos dias.

O livro pode considerar-se dividido em duas partes distintas: a de preparação atlética e a de especialização técnica e tática. A primeira pertence a coordenação gymnástica de movimentos respiratórios e a prática assídua de desportos atléticos, com os consequentes exercícios especializados. Na segunda trata-se do desenvolvimento pessoal das faculdades técnicas e do estudo em conjunto dos problemas táticos de equipa.

E como na fase de preparação atlética a gymnástica e o atletismo desempenham papel primordial, o autor apresenta completo esquema de gymnástica e indica quais as modalidades que o jogador deve praticar.

No capítulo II a tática do futebol é objecto de largo estudo, o que se justifica perfeitamente,

## II DIVISÃO DA A. F. L.

O S encontros da oitava jornada — primeira da segunda volta — do campeonato da II Divisão da A. F. L. forneceram os resultados seguintes:

Estoril-Olivais .....	7-0
F. Benfica-Casa Pia A. C.	5-0
Sacavenense-Marvilense ..	2-4
Chelas-Operário .....	3-2

Recordando os resultados de há seis semanas, verifica-se que o Estoril e o Futebol Benfica confirmaram a sua superioridade sobre o Olivais e o Casa Pia, obtendo, agora, resultados mais nítidos; que o Chelas alcançou merecida desforra sobre o Operário; que o Marvilense desfez a igualdade com o Sacavenense.

Depois dos encontros do último domingo não constituiram surpresas nem contrariaram o desenrolar das lutas, todas elas prejudicadas pelo mau estado dos terrenos. A excepção do Marvilense, que neste campeonato tardou em fornecer a medida mais exacta das suas possibilidades, nenhum dos grupos visitantes logrou anular a vantagem dos adversários jogarem em casa.

Os resultados que acima indicamos não constituiram surpresas nem contrariaram o desenrolar das lutas, todas elas prejudicadas pelo mau estado dos terrenos. A excepção do Marvilense, que neste campeonato tardou em fornecer a medida mais exacta das suas possibilidades, nenhum dos grupos visitantes logrou anular a vantagem dos adversários jogarem em casa.

Depois dos encontros do último domingo a tabela das classificações não sofreu alteração de monta: os três da frente ganharam e mantiveram os seus lugares; os três últimos perderam e, de igual modo, conservaram as posições; só o Sacavenense perdeu terreno em benefício do Marvilense, passando de quarto para quinto lugar e vice-versa. Todavia, desfizeram-se empates de pontuação, que ficam agora assim ordenada: 1.º Estoril, 24 pontos; 2.º F. Benfica, 18 p.; 3.º Chelas, 17 p.; 4.º Marvilense, 16 p.; 5.º Sacavenense, 15 p.; 6.º Operário, 14 p.; 7.º Casa Pia A. C., 13 p.; 8.º Olivais, 11 p.

Marcaram-se 23 goals nos quatro desafios. Nas jornadas anteriores: 13, 26, 27, 10, 25 e 14. Total 157. Note-se que o Estoril, só à sua parte, marcou 50.

O Estoril obteve o resultado mais expressivo da jornada. Mas constituirá isso novidade? Seis goals antes do intervalo parecem significar que os jogadores da Costa do Sol se desinteressaram da luta logo que a vitória ficou assegurada. E, desta vez, admite-se, pois obrigados a maior dispêndio de energia, os estorilenses pouparam-se.

O Futebol Benfica mereceu a vitória sobre o Casa Pia. O «score», porém, reflete um desnível de forças que não se verificou, pois os benfiquenses só depois do intervalo conseguiram vantagem. As duas equipas esqueceram as condições do terreno ou não souberam adaptar-se a elas.

No encontro efectuado nos Olivais, o guarda-redes do Marvilense influuiu — e muito — no resultado. A sua estreia não podia ser mais auspiciosa, pois creditou-se do melhor jogador no campo. Deu confiança à equipa e provocou, talvez, o desespero dos adversários. Mas, independentemente desse facto a vitória coube ao melhor.

Os chelenses e os de S. Vicente forneceram a luta mais equilibrada da «ronde». Os «verdes» só na primeira parte conseguiram vantagem, obtendo um goal sem resposta — o «goal» que no fim lhes deu os três pontos para a classificação. A luta caracterizou-se pela muita energia e entusiasmo com que se empregaram. — ZÉ DO PEÃO

## NO PÓRTO

A surpresa deste campeonato surgiu com a retumbante vitória do Académico sobre o Boavista. Retumbante e lógica, porque o Académico, não obstante o empate registado, já na 1.ª parte tinha merecido um ponto mais, enquanto o Boavista, por não ter conseguido vantagem, durante os 45 minutos iniciais.

Os 6-1 são admiráveis, mesmo quando o Académico, admirado com os pontos conquistados, consentiu que o Boavista «crescesse» e assediasse insistentemente o seu terreno. Foi em lutas, bem ordenadas, que os academistas obtiveram pontos sobre pontos até fecharem a conta com o 6.º, isto além de um outro que foi invalidado por precipitação, estamos convencidos, porque a «bola veio do adversário», e, por isso, o «off-side» não podia existir.

Entretanto, digamos que o Académico não tem o seu ataque a acertar com a baliza... Recordemos os remates perdidos na 1.ª parte...

O Boavista cedeu tarde, mas cedeu talvez em consequência da fragilidade do seu grupo, que em terreno relvado, defrontando «teams» de maior peso, não dá o rendimento costumeado. Nota foi batido, mas mostrou-se um guarda-redes de estilo.

O Salgueiros caminha avante, na conquista do 2.º lugar — que só por muita infelicidade lhe pode fugir, dado o fracasso do Leixões em frente do F. C. do Porto.

O Leça quasi não existiu. Os salgueiristas construíram o seu resultado com certa facilidade, pela forma como agiu o guarda-redes leixoes.

Mesmo assim, a réplica do Leça existiu, e desta maneira chegou ao final com o resultado de 5-2, o que quer dizer que alvejou as redes contrárias com êxito.

O F. C. do Porto venceu o Leixões com segurança.

pois o futebol é um jogo em que as faculdades individuais devem andar estreitamente subordinadas à teoria do conjunto.

Artur Freire analisa e estuda a posição que cada jogador deve ocupar e também a maneira como deve evoluir no terreno. E no último capítulo apresenta, sistematizados, os planos gerais do treino.

Encerram o volume as leis do futebol.

A utilidade do livro de Artur Freire, que Domingos Barreira editou, é manifesta.

É verdade que o 1.º tempo decorreu com certo equilíbrio do marcador, mas na 2.ª parte confirmou a sua classe, não com um «score» espantoso, mas confirmando a fama de imbatível que já adquiriu nos jogos deste campeonato...

E, incontestavelmente, o «leaders». E não se pode negar que o não seja por direito, em face das esplêndidas exhibições feitas durante todo o torneio regional. — MÁRIO AFONSO

## EM COIMBRA

A luta Académico-União prossegue com o mesmo interesse. Até domingo, dia em que os campeões defrontam os unionistas, no campo da Arrozga. E se a Académica perder — pode muito bem suceder assim, ao menos para dar animação à prova — temos dois clubes empataados. Isto é ganhar então aquêle que obtiver melhor resultado no conjunto. Mas afigura-se-nos que ainda não é desta vez que os estudantes largam o ceptro...

Na sétima jornada da competição, as «coisas» iam estando feias lá pela Anadia! Os campeões começaram a todo o gás; e ao intervalo ganhavam por cinco tentos sem resposta. Mas, na segunda parte, os locais diminuíram para 2-5. E então ia ardendo Troia! Perdió: ia mas ar ardendo Anadia! Lá o contentamento... Os estudantes, contudo, não perderam o pé — e fizeram mais um goal.

Foi um balde de água fria no entusiasmo dos anadienses. Mas o desafio ficou para a história do futebol coimbricense como um caso difícil de roer pelos estudantes.

Os outros jogos, ambos em Coimbra, decorreram com absoluta regularidade: o União derrotou o Sport, por 3-0, e o Lusitania bateu facilmente o Naval, por nove tentos sem resposta. — M. DE CASTRO.

## EM SETÚBAL

A décima primeira jornada não se completou. E por isso, a esperada reabilitação do Barreirense e do Unidos, perante os setúbalenses e os arentenses, que na primeira volta não cederam mais do que empates, ainda não pôde verificar-se, porque os jogos não foram além dos quarenta e cinco minutos iniciais, devido ao péssimo estado dos campos.

Todavia, a vantagem, nessa altura, de um «goal» para o Barreirense e de dois para o Unidos, não dava grande sossego aos que aguardavam retumbante desforra destes clubes em suas casas...

Do jogo Barreirense-Seixal apenas ficou um apontamento: a exhibição satisfatória, a avançada centro, do «ereservista» Cruz, nos barreirenenses, mostrando apídotes e desenvoltura.

O Unidos revelou superioridade incontestável, não sendo crível que a fraca resistência do Arrentale modificasse o resultado.

Os encontros devem ser repetidos amanhã. No Montijo e em Amora, as partidas concluíram-se, embora se lutassem, também, com a dificuldade que os campos ofereciam.

O principal encontro da jornada, na primeira destas localidades, não foi muito fácil para os setúbalenses, embora estes acabassem com resultado de 5-1 a seu favor, depois da primeira volta. Os montijenses foram aguerçados e entusiásticos, até o intervalo; perdiam apenas por 1-2, tendo o 2.º ponto do «leaders» sido marcado já no último minuto. Após o intervalo, porém, os «goals» sucederam-se e o Vitória evidenciou conjunto superior.

O Luso, equipa que denota dia a dia grandes progressos, teve no Amora um adversário sério, que não se rendeu e pôde agora fugir à causa da classificação, com a sua vitória por 4-2.

O campeonato de Setúbal vai entrar na fase decisiva para a conquista do título, pois o areiteiro caprichou em guardar para as derradeiras jornadas os jogos de maior importância. Assim, no próximo domingo, em Setúbal, encontrar-se-ão o Vitória e o actual campeão — JOÃO DIAS.

## NO ALGARVE

A FINAL, o Sporting Farense ainda desta vez (a-pegar de jogar «em casa», no seu estádio da Senhora da Saúde) não conseguiu «desembaraçar-se» do Olhanense. Perdendo-perdeu as últimas esperanças de vir a ser o campeão e representante da Província na I Divisão do Nacional.

Resultados da jornada: Farense-Olhanense, 0-2; Glória-S. L. Faro, 4-3; Lusitano-Loulitano, 1-3.

Ao jogo maior — o único que verdadeiramente interessava, mas que a chuva prejudicou — assistiu muita gente. A maior assistência e a maior receita (25 contos!) dos últimos anos. E gente grada. Até o chefe do distrito.

Os campeões (que tinham tudo a perder — se perdessem...) lutaram com animação, e venceram. Bem.

O campeonato, praticamente, acabou quando soon o apito do «referee», dando a partida por terminada. O resto — já não interessa! A não ser, claro, que surja qualquer imprevisto...

No match de Faro deram-se cenas que merecem ser veras. Os olhanenses devem ter ficado com «gratas» recordações da partida. Vencer é bonito; mas nem sempre faz bem...

## NO MINHO

UM desafio importante na região: Vitória de Guimarães «leaders»-Sporting de Braga. Apenas um ponto de diferença entre ambos, de vantagem para os vianenses, aumentada com o resultado de 4-0 do jogo 4-2.

O desafio disputou-se no campo dos Peões, mas os «leões» bracarenenses, mesmo assim, perderam.

Quer dizer: o Vitória aumentou (de 1 para 3 pontos) a pontuação que tinha em relação ao seu mais próximo antagonista. Deve ter ganho a prova. Se, entretanto, não houver qualquer «trepção», que não parece fácil de darse, pois o Famacico, indo perder a Fafe, e o Sporting de Braga, parecendo arredados da «carreira» para o título.



# A 7ª JORNADA AMEAÇOU SURPREZAS ... ... MAS A TRINDADE **B.S.B.** MANTEVE AS SUAS POSIÇÕES



Como se jogou no campo do Unidos: debaixo de chuva e em terreno cheio de lama, Eduardo Santos salva mais um "goal", arrebatando a bola dos pés de Martins



Albano, bem lançado, bate a defesa do Atlético  
(Foto J. Manique)



Peyroteo rematou— e "mergulhou" a seguir no laçoçal...  
(Foto J. Manique)



Um remate de cabeça de M. da Costa  
(Foto C. Madeira)



A defesa extrema do Unidos parece preparar-se para "nadar" no mar de lama do Lumiar...



Desta vez, Vergilésio conseguiu cortar uma avançada de Rafael e José Pedro



Teixeira luta com o "élan" de sempre—mas perde a bola  
(Foto C. Madeira)



Martins rematou forte e Eduardo Santos segurou a bola. Mas o mau estado do terreno...



# UMA CARTA

## SOBRE UM TEMA RECENTE

A propósito da última crónica subordinada ao título «Um vencido do desporto?», o meu amigo sr. Aníbal Vieira, dirigente tão dedicado como prestigioso do C. I. F., enviou-me uma carta a todos os títulos curiosa.

A matéria nela contida é digna de reflexão e apiação. Por ser vasta, é impossível transcrevê-la na íntegra. Limitar-me-ei, portanto, a reproduzir alguns períodos, suficientes, em meu entender, para que se conheça o ponto de vista de Aníbal Vieira.

O leitor recorda-se, por certo, do tema que versou. Aníbal Vieira diz: «Na minha opinião, não há complexo de qualquer espécie; há tão somente «reflexo» da mentalidade actual da quasi totalidade dos sócios de qualquer agremiação. Um clube ou agremiação não é outra coisa que uma sociedade ou agrupamento de indivíduos que, pretendendo atingir determinado fim, sente a necessidade de se agremiar com outros para o atingir. De facto, raríssimos poderiam dispôr, no que se refere a desporto, de um terreno para praticar atletismo, ténis ou futebol, individualmente ou com alguns amigos. É, pois, indispensável o agrupamento, e, para que o mesmo se mantenha e progrida, é também indispensável que cada um dê para ele o que for compatível com as suas posses financeiras ou produtivas, porquanto todas as facilidades e bem estar do agrupamento constituirão para o indivíduo um prazer. Tem sido assim que eu, o meu amigo e bastantes, felizmente pensando como nós, consideramos uma agremiação, e só por isso tem sido possível a sua manutenção. Mas há «os outros», aqueles que, como consequência da evolução da mentalidade desportiva nos cinco últimos lustros, consideram o clube uma «empresa», uma «coisa» a que se paga — para receber em troca qualquer benefício. No caso que o meu amigo aponta, o indivíduo pagava a quota para receber o prazer de remar; em outros, recebem o prazer de assistir gratuitamente a desfilos de futebol. Há ainda outras formas de receber benefícios, que não vale a pena pormenorizar. O que é preciso é receber qualquer coisa em troca dos escudos da quota. Pagar uma quantia mensal pelo prazer de saber que se concorre para a manutenção de uns tantos barcos ou de um campo de jogos e do respectivo pessoal, assim como para que o desporto progrida, isso é pura fantasia... Tal indivíduo não se considera nunca membro de um todo; considera sim que o pagamento da quota é suficiente para lhe conceder o direito de usar tudo quanto no clube pertença — e portanto também aos outros. Estragam, partem, arruinam... porque é do clube, esquecendo que o clube são eles e os seus consócios, e que os prejuízos que causam se reflectem em desvalorização da sua quota parte no valor do activo, e, muito menos, na parte dos outros.»

Aníbal Vieira lançou com mesura um retrato fiel e comum a quasi todas as colectividades, ou melhor, a quasi todos os agremiados. Quem vive intimamente a vida de um clube sabe que é assim mesmo. E, para usar ainda uma expressão de Aníbal Vieira, «tal manifestação de mentalidade associativa é hoje tão corrente, que aqueles que pensam de forma contrária são quasi considerados sócios beneméritos...»

A evolução da mentalidade desportiva, tem, mau grado todas as boas vontades, seguido trajectória diferente da que seria para desejar. A origem do mal, está, em meu entender, na educação dos adolescentes, nos hábitos que se lhes inverteram, no comodismo que se lhes proporciona, na falta de respeito pelo semelhante — que se lhes incute, quando se deveria combater.

Especialmente o comodismo, é enfermidade visível. Falta vontade própria, decisão; nas veias, em vez de sangue corre... capillé — e nos espíritos, em lugar de confiança e coragem, perpassam, tresloucados, os esgares simiescos dos «swings»...

D. L. M.

# NOVO TRIUNFO PARA O PAÇO DE ARCOS

## na época de 1943

COM as últimas partidas da «Taça de Honra — 1943» (9.ª edição da prova) encerrou-se, virtualmente, a temporada do «hockey», em patins no ano em curso. No capítulo de organizações oficiais, só em Março deve voltar-se à actividade. É isso, afinal, o que determina o regulamento geral da F. P. Patinagem. Mas é possível que, até lá, os clubes praticantes não «adormecem»! Quanto mais não seja para não se perder o hábito...

O torneio para disputa da «Taça de Honra» é o mais importante da modalidade, em Lisboa e no Pôrto (onde começou agora prova semelhante), imediatamente a seguir aos campeonatos regionais. Justificam-se, por consequência o interesse e a animação que sempre despertam tais géneros de competições. Mas o entusiasmo — na de 1943 — ultrapassou o que se verificara nos anos anteriores; houve mais regularidade (apenas uma jornada atrasada, em virtude do mau tempo) e mais luta.

O Benfica fez furor, com um «steam» obscuro e em que faltavam os melhores titulares, conseguindo ser o maior animador do torneio até à altura de perder com o Paço de Arcos. Outras equipas, porém, se n-tabilizaram, com especialidade as do Ateneu — pela brilhante

## Crónica feminina

FOI na estrada que vai da Ericeira até Sintra. Iamos os três a pedalar serenamente no silêncio da noite; só o murmúrio do mar chegava até nós na mesma harmonia compassada dos nossos movimentos. Seguíamos calados, absortos... Sentíamos as pulsações do nosso peito na mesma cadência. Dir-se-ia que na serenidade ambiente era o próprio ritmo universal que nós acompanhávamos. Ou era talvez, apenas, a nossa mocidade que corria desreocupada na sua trajectória infalível. Corríamos calmos pelo caminho, quando ouvimos atrás de nós o ruído de outras bicicletas que se aproximavam. Houve um momento em que interrogámos: Quem será? De repente, na mesma rapidez de relâmpago, passaram-nos ao lado, e uma voz conhecida, bem conhecida, gritou-nos de um jacto:

— Três contra três!

Era um desafio...

Havia entre os nossos dois grupos rivalidades íntimas mais profundas que a simples rivalidade desportiva. Nos nossos conflitos particulares, os nossos adversários ocasionais eram também nossos rivais... Sentimos o sangue afluir-nos à cara e como que um choque interior atirar-nos para a luta. O ritmo dos nossos peitos, profundamente alterado, tornou o nosso espirito numa torrente de forças até ali desconhecidas. Cortávamos o ar como lâminas finas, dir-se-ia que eramos levados por asas diabólicas. Foi assim que vencemos.

Hoje, pergunto a mim mesma qual teria sido o resultado final daquela pequena e acidental competição desportiva se os nossos sentimentos particulares não tivessem tomado parte nela. É natural que houvessemos perdido. Mas dela ficou-me a certeza de que, para o desporto, a influência dos factores de carácter particular é uma espécie de arma invisível e traiçoeira que deve ser deixada na cabina, como certos anéis proibidos para uso de «boxeurs» desleais.

A competição desportiva não deve encontrar outro estímulo que não seja o puro intento de realizar o melhor. Nem rancor, nem desejo de humilhar. Nas lutas do desporto deve contar menos o êxito pessoal do que a demonstração das faculdades humanas. E sob este aspecto superior as próprias rivalidades significam colaboração. Preocupações de outra índole sobrecarregam os nervos, desarranjando-os e perturbando a estabilidade física indispensável a todo o verdadeiro desportista.

Que a minha irmã mulher, bebé ainda neste campo, o vá aprendendo desde já...

ANABELA

recuperação, a partir de metade da prova — e do Sporting de Oeiras, o melhor da nova camada, pela tenacidade com que se bateu sempre, superando com energia algumas deficiências técnicas que se notam ainda na maioria dos seus elementos.

O Paço de Arcos foi o grande triunfador, ganhando todas as partidas: 11, por ordenação de «goals»: Académica, 16-1 («recor»); Tabacos, 14-2; Sporting, 12-2; Ateneu, 8-3; Hockey de Sintra, 6-2; Benfica e Lisgás, 7-4; Campo de Ourique, 6-4; Cascais, 4-2; Sporting de Oeiras, 5-3; Futebol Benfica, 2-1. Vê-se, pois, que os campeões lisboenses (ex-nacionais) triunfaram por mérito absoluto, batendo todos os «records» anteriores (sómente Benfica e Sporting haviam ganho, anteriormente, somando por vitórias os jogos disputados — mas com menos clubes nas suas provas, em 1936 e 1939) e com um «goal-average» (88-28, i. g. l a 3,143) realmente impressionante.

Para melhor apreciação, e porque convém registrar-se para a história do torneio, publica-se o quadro geral de resultados, que ficou estabelecido do modo que segue:

	J	V	E	D	Goals	P
Paço de Arcos	11	11	—	—	88-28	33
Futebol Benfica	11	10	—	1	67-21	31
Benfica	11	8	—	3	43-22	27
Ateneu	11	6	1	4	45-24	24
Campo de Ourique	11	5	2	4	45-34	23
Lisgás	11	5	2	4	37-40	23
Sporting Oeiras	11	5	2	4	43-36	23
Cascais	11	5	1	5	34-24	22
Académica	11	3	—	8	33-58	17
Hockey de Sintra	11	2	—	9	45-58	15
Tabacos	11	2	—	9	42-74	15
Sporting	11	—	—	11	18-80	11

Marcaram-se, no conjunto dos 66 desafios, 539 «goals» — percentagem muito importante em relação à luta desenvolvida pelos concorrentes. Mas isso não admira, porque, em «hockey» em patins, fazem-se «goals» com facilidade espantosa. E neste torneio não se fugiu à regra...

O clube de Paço de Arcos, o mais representativo dos três da linha de Cascais, ganhou a prova pela segunda vez. E ganhou a sua quinta competição oficial da época, pois antes havia saído vencedor no torneio de abertura e nos campeonatos regionais — em todas as categorias! É uma proeza bonita, prémio da sua tenacidade e entusiasmo pelo «hockey» patinado.

A título de informação, digam-se quais os vencedores da «Taça de Honra»:

1935 — Futebol Benfica
1936 — Benfica
1937 — Sporting
1938 — Benfica
1939 — Sporting
1940 — Futebol Benfica
1941 — Paço de Arcos
1942 — Futebol Benfica
1943 — Paço de Arcos

Ao Futebol Benfica pertence o máximo de triunfos (3), estando iguados os três restantes (Benfica, P. Arcos e Sporting), cada um deles com dois.

O «steam» vencedor utilizou oito jogadores: Emídio Pinto, Carlos Vieira, Manuel Gomes, J. A. Mata Raposo, A. Jesus Correia (I), José Correia (II) e Rogério Maia. Talvez esteja nisso (na circunstância, de interesse capital, de alinhamento quasi sempre os mesmos elementos) o segredo do triunfo.

No que respeita a correcção e disciplina, a prova teve pouca influência. Raros foram os jogadores castigados (uma escassa meia dúzia, entre, pelo menos, 72) mas a alguns aplicaram-se penas severas, com vista à manutenção da mesma disciplina — e ao futuro. O mais punido foi Raúl Lopes, da Académica da Amadora, com suspensão por 24 jogos — um campeonato inteiro... e ainda ficam desafios doutras provas — em virtude de actos de menos cortezias para com um árbitro.

## SPORT ALGÉS E DAFUNDO

A direcção do S. A. D. resolveu suspender o pagamento de jóia, na admissão de sócios e na readmissão dos antigos, até 15 de Novembro corrente.



# O balanço de uma época

A luta entre os clubes da capital em diferentes provas de campeonato

por MÁRIO DE OLIVEIRA

NO primeiro artigo desta pequena série de análises à última temporada de natação ao ar livre, fixámos as características dos seis meses de provas e dissemos que a indicação de nomes e resultados, em comprovação dos nossos comentários, ficava para nova oportunidade. É o que vimos fazer agora.

Antes, porém, voltamos a afirmar que a época teve seu fulcro de animação na rivalidade que se estabeleceu entre o Algés e o Estoril Praia, com consequência de terem ido para este clube os nadadores que saíram do primeiro. A única rivalidade que se mantinha há anos, entre o valoroso duo que constituem Joaquim Baptista Pereira e Joffre de Carvalho, no Alhndra Sporting Clube, por um lado, e o duo de nadadores de brucos formado por João da Silva Marques, no Unidos, e Orlando Serra, no Belenenses, por outro lado, contra o Algés, dividiu-se, este ano, pelo Algés e pelo Estoril. Foi, ainda, uma consequência da saída dos nadadores do Algés. Mas a principal luta contra esse grupo aguerrido de campeões partiu do Estoril Praia.

Os antigos e novos pupilos de Alberto Azinhais dos Santos animaram todos os festivais e todas as grandes provas portuguesas de natação, bem como a luta contra os «records». E a réplica brilhante do Algés, do Alhndra e de João da Silva Marques contribuíram, também, para que se quebrassem o marasma das provas dos últimos anos. Houve, este ano, um entusiasmo que andava fóra dos hábitos nacionais, e que só aparecia uma ou outra vez, com excepcional vibração, no embate dos nadadores portugueses contra as fortes equipas estrangeiras que o Algés trouxe a Lisboa.

A batalha travou-se de preferência nas provas em que havia classificação colectiva, ou em que havia também classificação individual, visto que os melhores nadadores do Estoril não podiam representar oficialmente o novo clube, pela imperiosa e salutar força da lei do ano. E vem certamente a propósito anotar que o facto comprovou a utilidade da disposição legal que permite correr individualmente aos nadadores que estão no período de transição de um clube para outro.

De modo geral, o Algés, tirando oportuno partido do seu trabalho em profundidade na formação de novos nadadores, ganhou todas as provas ou torneios com classificação colectiva, e teve dificuldades de classificação nas provas em que correram os nadadores individuais do Estoril. Os resultados mais sugestivos, a este respeito, foram os da «Travessia do Tejo» e dos campeonatos regionais e nacionais. Vejamos em pormenor.

A «Travessia do Tejo» teve um grande vencedor em Joaquim Baptista Pereira. Nas categorias de juniores, principiantes e senhoras, triunfaram, respectivamente, Fernando Chaves, individual do Estoril, Fernando Ornelas Cisneiros, individual nas mesmas condições, e Maria Helena Lopes Mendes, do Belenenses. O Algés ganhou, porém, por equipas, em todas as categorias masculinas — seniores, juniores e principiantes.

Nos campeonatos nacionais masculinos o Algés conseguiu apenas uma vitória, na estafeta de 4x200 metros livres, com uma equipa composta por Oscar Cabral, Rafael Ramos, Herculano Trovão e Rodrigo Bessone Basto Júnior. Os individuais do Estoril Praia ganharam quatro provas (100 e 200 metros livres, e 100 costas, por João João Mendes Mira Gomes, e 200 metros brucos, por Júlio José da Silva). E Joaquim Baptista Pereira venceu nos 400 e 1500 metros livres. Nos campeonatos femininos, o Algés teve uma série brilhantíssima de quatro vitórias, por intermédio da mesma nadadora, Maria de Lourdes Bessone Basto, nos 100, 200, e 400 metros livres e 100 metros costas. Perdeu, todavia, o campeonato de 200 metros de brucos, a favor de Rosa Lopes, do Atlético.

Quando nos campeonatos regionais, a distribuição de vitórias ficou como segue:

Meninas — Algés, 4. Senhoras — Algés, 6; Atlético, Belenenses, Estoril e Sporting, 1 cada. Rapazes — Algés 4. Homens — (Principiantes) — Estoril, 3; Algés, 2. Juniores — Algés, 5; Individuais, 1. Seniores — Individuais, 3; Alhndra, 2; Algés e Unidos 1, cada.

Temos, assim, em resumo:  
Campeonatos femininos — Algés, 10; Atlético, Belenenses, Estoril e Sporting, um cada.  
Campeonatos masculinos — Algés, 12; Individuais, 4; Estoril, 3; Alhndra, 2; Unidos, 1.  
A indicação de nomes e resultados fica, ainda, para novo artigo.

## LUTA GRECO-ROMANA

### A páginas 13 lia-se...

ESTAMOS em Novembro. Abriram as gymnásias, voltamos à vida activa da sua actividade da educação física.

O que aqui escrevemos, na época estival, sobre luta greco-romana — mantem-se de pé. O problema de promover a ressurreição da bela modalidade continua instante. As cartas de aplauso que recebemos, e das quais nos fizemos eco, ainda se juntaram outras, que, sem menos consideração pelos signatários, não merece a pena citar, porque o que importa é salientar o interesse ainda existente pela luta.

Há vontades dispersas, há valores que se desperdiçam de forma ingloria se não se aproveitarem. Concomitantemente, há vocações que não se aproveitarão e possibilidades que já mais se poderão revelar.

Falámos por varias vezes, e em diversos tons, nas responsabilidades de um organismo que em tempos se chamava Federação Portuguesa de Luta, bem como nas dos clubes que praticam a greco-romana. Aquels, cujo paradeiro é desconhecido, nada disse.

Estes, reagiam verbalmente, mas não deram um passo quanto a realidades. Passado o período — o argumento invocado — de «época morta», chega a altura de se saber o que pensam em definitivo. Ao Ateneu e Lisboa Gymnásio, junta-se o S. C. Intendente, e supomos que outra colectividade, dispostos a manterem secções da modalidade. Reunidos, poderão dar nova alma à Federação e promover o ressurgimento da luta. E pena que o Gymnásio Clube, paladino primeiro que foi da greco-romana, obcecado no momento por outra coisa que não seja determinada espécie de gymnástica, tenha renunciado a especialidades que lhe deram em todos os tempos brilho e glória. A luta foi uma delas, bem como a alterfília. Inda agora, no relatório da gerência finda, referindo-se ao salutar desporto, podemos ler, a páginas 13:

«Luta — Houve alguns esboços de reparação desta classe, mas pode dizer-se, que nada se fez de positivo».

«Pêso e alteres: Tal como tem acontecido nestes últimos anos, continua a verificar-se o abandono a que esta modalidade foi votada, à excepção dos treinos efectuados pelo nosso consocio sr. Ernesto Sales».

Triste e confrangedor sintoma. Falar de «esboços de reparação» e de «treinos efectuados» (o atleta em questão, sentindo-se desamparado, mudou de clube...), afigura-se-nos ter o seu quê de ridículo e desolador. Como se a uma direcção fôsse impossível estimular e agitar qualquer modalidade, contando para mais com excelente matéria prima!

A luta anda em maré de azar, tãndo que na citação que se lhe faz no relatório do G. C. P. coube-lhe a pagina 13... Um supersticioso pensaria assim!...

Nós, não. Pensamos antes que tudo será facilimo de solucionar se um punhado de boas vontades quiser.

Lançaremos uma sugestão, em próximo artigo.

LANÇA MOREIRA

## A Missão do «Jornal da M. P.»

A actividade da «Mocidade Portuguesa» é de grande vastidão. Abrange os mais variados sectores e aborda e resolve todos os problemas que de qualquer modo possam interessar aos filiados e contribuir para a sua formação física, moral e intelectual.

Dentro destes princípios — que são, aliás, os princípios que a regem desde o dia da sua fundação — a «Mocidade Portuguesa» tem, também, o seu jornal.

Pelas suas características próprias, pelo facto de ser o único que, entre nós, é feito pela juventude e para ela e pela alta missão que desempenha na formação mental das camadas jovens, o «Jornal da M. P.» merece bem que todos o conheçamos, que saibamos como ele vive, como se faz e quais os fins que tem em vista.

O «Jornal da M. P.», tal como está hoje, tem a norte-lo os mesmos princípios que guiaram o «Jornal da M. P. — 1.ª série». Houve, apenas, um pequeno interregno na sua publicação.

Destinando-se a filiados cuja idade varia entre os sete e os vinte e cinco anos, o «Jornal da M. P.» tem, assim, de inserir colaboração da mais variada, onde haja artigos para o «lútil» e artigos para o «cadete». E nisto, digamolo em abono da verdade, reside justamente a grande dificuldade da sua elaboração. Procura-se, por isso, o meio termo — *In medio virtus est* — ou seja faz-lo, de maneira geral, para os filiados que rodam os quinze anos. Aos mais velhos, o jornal serve, especialmente, para nele colaborar, para transmitir aos mais novos os seus conhecimentos, interessando-os, assim, pelos problemas sérios, devidamente apresentados.

Para os mais novos, o «Jornal da M. P.» tem as suas secções especiais. Assuntos acessíveis, que saltem logo à primeira vista, destinados a fomentar nos «dútils» e nos «infantes» os dotes de observação e, sobretudo, o habito do trabalho realizado em conjunto, a bem da comunidade — criar-lhes, numa palavra, esse tão útil «espírito de equipa». Recorre-se, por vezes, a coisas muito simples mas de interesse pratico, até de interesse doméstico.

Além de tudo o mais, o «Jornal» tem ainda uma característica que não é das menos importantes. É o facto de a sua colaboração ser, na totalidade, ou na grande maioria, de filiados. Estes têm, assim, pelo meio ao seu alcance e oportunidade magnifica para ensaiarem as suas tendências literárias ou artisticas.

O «Jornal» recebe-os sempre de braços abertos, sugere-lhes temas para outros trabalhos — numa palavra: encaminha-os.

E mesmo que, por qualquer motivo, o trabalho — seja artigo ou um desenho — não possa ser publicado, o filiado não perdeu o seu tempo, pois com ele pode concorrer ao «Salão de Educação Estética» que se effectua anualmente, ou aos «Jogos Florais», sempre que os haja.

Assim se procura, na «Mocidade Portuguesa» estimular e desenvolver todas as faculdades, dos homens de amanhã.

ABREU TORRES

## Pelos clubes

A direcção do Clube Internacional de Futebol está resolvida a continuar a ampliar o esforço de ressurgimento da pratica do atletismo. E, de harmonia com aquella orientação, organizará uma classe de gymnástica de preparação desportiva, dirigida, obsequiosamente, pelo professor de educação física e desporto José Nobre Guedes. Esses cursos funcionarão na sala do Triângulo Vermelho, rua de S. Bento, 509, gentilmente cedida para o efeito, com o horário seguinte: Atletismo — 3.ª, 5.ª e 6.ª das 18 às 19 horas; outros desportos e qualquer sócios; 2.ª e 4.ª das 18 às 19 horas.

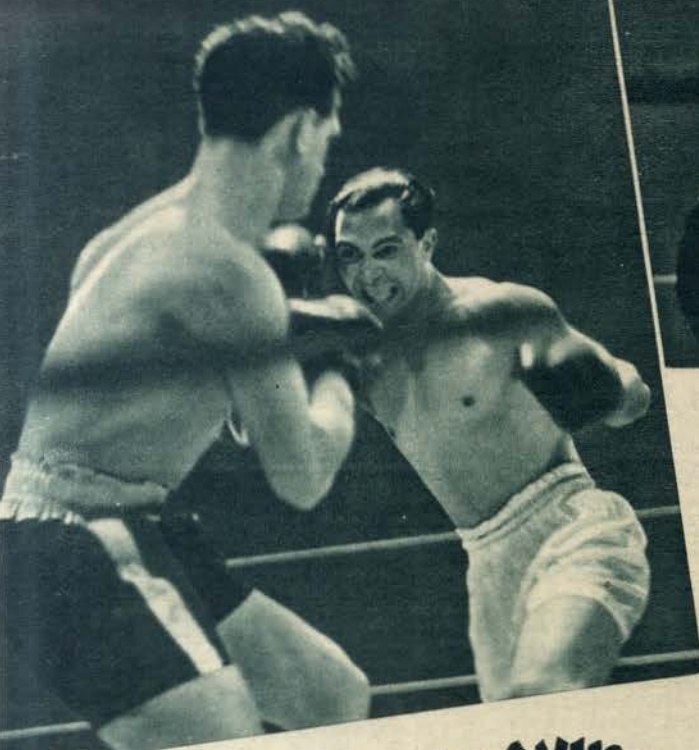
— Encontra-se aberta na secretaria do Sport Lisboa e Benfica a inscrição para os sócios que o queiram representar, na presente época, em «handball», «chockey» em campo e «basket-ball».

Na mesma secretaria também está aberta a inscrição para os cursos de gymnástica, cujo inicio estava marcado para hoje.

— Também o Grupo Desportivo Estoril-Pratia abriu inscrição para sócios e simpatizantes que o queiram representar — e frequentar, na época em curso, as respectivas escolas de aperfeiçoamento — em futebol (juniores), e «handball».



Braga e Figueiredo lutaram como leões...



Repare-se na diferença de estilos: de Wilson e de Reverte



ressou. Merece apenas realce a boa condução de Walter Pressler.

Em seguida subiram ao ring Aloízio Falcão (árbitro) e os pugilistas (?) Diamantino Gama (74,3) e Germano Martins (71,5). Foi uma tristeza... Um espectáculo indelicado, que devia ter sido suspenso a meio... Gama «sovou» desalmadamente o pobre Germano, com o consentimento de toda a gente: do sr. Falcão, dos srs. federativos e de um público ansioso por ver tarefa... *Boxing* não houve, nem podia haver. Foi, em síntese, uma «zangata» que durou 24 minutos, com oito intervalos... Diamantino foi declarado vencedor — mas deviam ter sido ambos desclassificados...

A terceira luta travou-se entre Manuel Braga (68,6) e António Figueiredo (68,05). Boa luta, por sinal. O moçambicano mostrou-se conhecedor (guarda cerrada e emprêgo útil das mãos, especialmente no *in-fitting*) mas teve em Figueiredo valeroso adversário, que impôs o jogo a distância e soube evitar os golpes mais duros do antagonista. Figueiredo progride. Está mais mexido e com maior presença no ring. Vê-se que lhe fez bem o estágio nas Caldas da Rainha e a preparação intensiva a que se submeteu sob as vistas de Tino Clavari — um homem que sabe da arte. Deram-lhe o triunfo — mas o árbitro errou (levantou-se «branca» tremenda...) pois, a haver vencedor, este seria Braga, que somou, no final da contagem — demo-nos a esse capricho... — mais dois pontos. O «nulo», porém, seria o remate ideal da luta.

Miguel França (63,85) defrontou o espanhol Blanzaco (62) e não sentiu embaraço. No primeiro round ainda o espanhol — que anunciaram como segunda série e nos disseram não combater há mais de um ano — inquietou o nosso campeão dos «leves». Mas foi só de pouca dura, porque no assalto seguinte sofreu dois *knock-downs* e até ao 7.º altura em que Luís Sória lançou a esponja, fartou-se de «encaixar» sócos. Agradou, contudo, pela lealdade e coragem. Miguel, receoso da luta de perto, portou-se muito bem e rehabilitou-se perante o público.

# 3 REUNIÕES de 'BOXING' na MESMA SEMANA!

Comentários de JORGE MONTEIRO

ANTES dos comentários acerca desta «substancial» semana de *boxing* — três reuniões em cinco dias parece-nos de mais para um meio como o de Lisboa... — permitimo-nos um alvitre à empresa do Campo Pequeno: mandar pôr, nos lugares da Imprensa, os nomes dos jornais a que distribui cartões de entrada. Assim, só terão assento na respectiva bancada as pessoas que à Imprensa pertencem ou ao seu serviço estejam no momento. Foi o que se fez no Estádio Mayer, com sincero aplauso de todos os jornalistas que têm de exercer ali a sua missão.

## O reaparecimento de Wilson

A primeira sessão da série da semana passada efectuou-se no Campo Pequeno, com casa fria, em noite fria e pouco convidativa para espectáculos ao ar livre. Programa: o atractivo do reaparecimento de Wilson e do *match* Braga-Figueiredo, uma espécie de campeonato nacional de «médios»; no mais, dois preliminares sem importância, que saíram como se esperava, e um desconhecido para Miguel França. Resultado: reunião de *boxing* sem nada de extraordinário. Perdão: houve duas coisas que merecem, realmente um apontamento: a decisão de Jordão França no combate Figueiredo-Braga e o consentimento de repetidas cenas de «puncadaria» na luta entre Gama e Germano...

Começou o espectáculo pelo *match* Justino Rodrigues (60,25 k.)-Alberto Afonso (56,3 k.), no qual o moçambicano marcou vantagem de pontos suficiente para ganhar. Mas a luta não inte-

Outra fase do combate de Wilson com Reverte





que já começava a aborrecer-se com a questão das «cabecadas». Quando se tem valor — demonstra-se publicamente. Mas são necessarias mais lutas, e com pugilistas de categoria.

Carlos Lopes dirigiu a contento; melhor, porém, teria feito se suspendesse o combate, por inferioridade de Blanzaco, que a partir do 5.º round já não oferecia luta, em vez de esperar que o pugilista olhasse para o seu chefe de segundos, como que a pedir misericórdia...

Finalmente: Carlos Wilson (61,18) contra o espanhol Reverte (63,6). Árbitro: Xavier de Araújo. Resultado: *match* nulo, ao cabo de 10 assaltos bem disputados. O moçambicano, que ao 3.º round fracturou um dedo da mão direita — não foi o mesmo de há um ano. Mas não perdeu qualidades. Apenas denotou, o que é natural, ausência de *ring*. Sofreu um *knock-down* de 3 segundos no 4.º assalto, saíu pelo *gong*, mas depois recompôs-se — e muito bem. Reverte, que contra Miguel França não pudera dar-nos a medida da sua capacidade, é um razoável *boxeur*. Merecia, talvez, a decisão. Mas o «nulo» não está de todo mal...



Antes do último combate anunciou-se a festa de Silva Ruivo e o antigo campeão foi chamado ao *ring*. Momento de emoção. Aplausos ao antigo *boxeur* — calorosos e sinceros. Ruivo deve ter sentido saudades e estava visivelmente impressionado com a manifestação de amizade que lhe tributaram.

#### A fraca sessão do Estádio Mayer

A última sessão do Estádio Mayer (anunciada como de características populares) não teve interesse. E se não fora o estoicismo do jovem Guilherme Martins — a reunião, em conjunto, não valeria nada. O programa elaborado não tentava.

...As substituições que se verificaram (a de Pestana, principalmente, porque o seu reaparecimento constituía atractivo) aborreceram a assistência — que também não foi grande coisa. As lutas, à parte uma ou outra, no geral, não interessaram.



Silva Ruivo rodeado de antigos companheiros. No oval: Xavier de Araújo abraça o pioneiro do «boxing em Portugal»

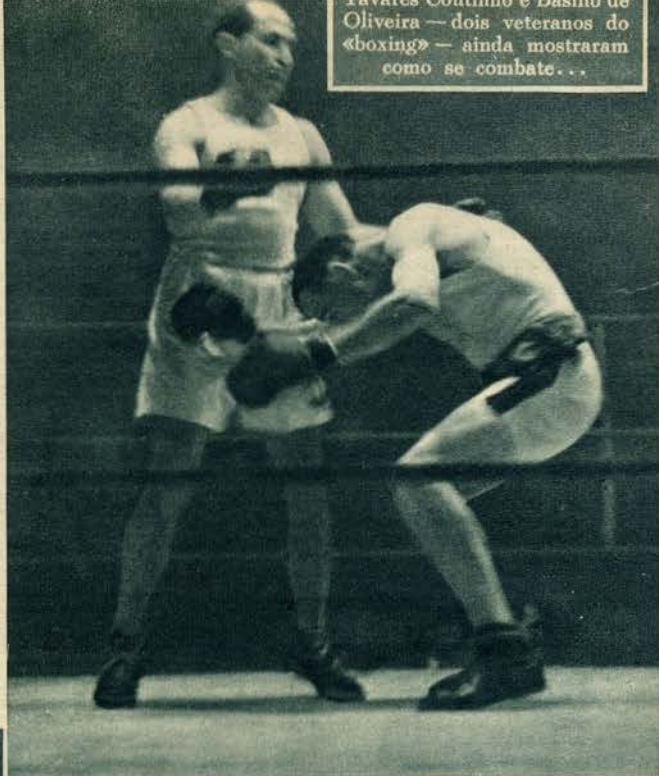
Desculpe-se a organização — pelo que quis fazer e não pôde! — pois ninguém tem culpa de que alguns *boxeurs* não tenham respeito por quem lhes paga para exibirem-se e pelo público, especialmente, que é o maior lesado. Eduardo Alves, talvez devido à sua situação de militar, não compareceu; e Jack Pestana teve, pouco antes do penúltimo combate, uma indisposição de saúde, que obrigou o organizador a substituí-lo. Este «caso» de Pestana merece analisar-se e ser bem visto por quem de direito. Não cremos que o *boxeur* esteja inutilizado para o duro ofício de dar e levar socos (conforme nos garantiram) mas é de aconselhar-lhe um período de repouso, porque tem ânimo suficiente para reagir e valor bastante para nos deliciar, ainda, com o seu jogo fino e elegante.

Costa Negus e José Wenceslau fizeram *match* nulo em cinco rounds — sem novidade alguma — a abrir a sessão. São dois bons rapazes que já têm direito à reforma! Pelo menos por aquilo que fizeram... Seguiram-se: Valente Rocha e Joaquim Zulmiro, numa luta a valer, com muito soco e pouco *boxing*. Mas Valente Rocha, que se estreava em Lisboa, demonstrou aptidões e venceu bem. Muito bem, mesmo. Zulmiro, como sempre, foi corajoso. A fechar a primeira parte do espectáculo, bateram-se, António Correia e o espanhol Garcia. Bateram-se, é o termo, porque ambos se esmurram valentemente durante os oito rounds. O espanhol, mais expedito e habituado ao *ring*, venceu por pontos. Houve, depois, um intervalo. E cumpriu-se a segunda parte. Primeiro: Luis Sória-Alfredo de Oliveira. O português deu boa réplica até o 4.º assalto; mas o espanhol, muito conhecedor, castigou Oliveira com dureza, obrigando-o a abandonar a meio do 6.º round. E, finalmente, Guilherme Martins (que deveria ter defrontado Oliveira) foi oposto a Gonzalez, espanhol, num *match* que entusiasmou o público pela persistência do português. Deram a vitória a Guilherme, cujo último assalto foi verdadeiramente impressionante. Mas isso não bastava. O resultado mais certo seria o empate. Arbitram, sem dificuldades, os srs. Aloísio Falcão, Henrique Fernandes, José de Araújo e Pierre Charles.

#### Novos e velhos...

Festa de consagração e de saúde, a de sexta-feira, no Estádio Mayer. Muita gente figurava no programa. Um rôr de rapazes de mais de 40... E no último combate dos veteranos — em

... Carlos Continho e Basílio de Oliveira — dois veteranos do «boxing» — ainda mostraram como se combate...



cujas lutas houve realmente coisas bonitas, a evocar tempos áureos da mocidade, daqueles tempos em que o *boxing* tinha escola e um núcleo de amadores mais hábeis que muitos dos nossos actuais melhores pugilistas — aparceram dois homens «já velhotes», mas ainda com frescura e alegria, a justificar a verdade do desporto bem orientado na prática: Bazílio, com 58 anos, e Continho, com 50 feitos... Que saudades! E o público assim o compreendeu, a todos vitoriando. Quando Silva Ruivo subiu ao *ring*, o momento foi solene. Abraços de amizades velhas e muitas palmas ao antigo campeão, que teve a sua época mas não estava ainda esquecida. Belo, tudo aquilo. O capitão Cardoso, o mais antigo companheiro de clube de Ruivo e actual inspector dos Desportos, disse palavras sentidas, verdades duras e amargas como punhos (ou não se tratasse de bo-



(Conclue na página 14)



## A UTILIZAÇÃO DE CAMINHETAS DE CARGA NO TRANSPORTE DE GRUPOS DE FUTEBOL

HÁ pouco tempo, um dos nossos redactores encontrava-se de visita à Associação de Futebol de Beja, bem instalada numa das melhores praças da capital do Baixo-Alentejo, quando appareceram ali dois elementos do Despertar, clube bejense também dedicado ao popular desporto.

Im saber que clubes estavam inscritos no respectivo campeonato districtal. E sendo-lhes respondido que eram três os pretendentes, até àquella data — Luso e União, de Beja, e Moura Atlético, de Moura — os dois enviados do Despertar disseram pouco mais ou menos o que segue: queriam inscrever também o seu clube no mesmo campeonato, mas o pior seria a deslocação a Moura. Para a ida, dispunha-se de um comboio de manhã, às 8; mas para o regresso só tinham outro às 4 da madrugada. E acrescentaram: «Os senhores estão ven'lo: despesas de comboio, uma diária em qualquer pensão de Moura, levantar às 3 horas da manhã, meio-dia perdido e pouca disposição para o trabalho na segunda-feira...».

As despesas de comboio devem andar à volta de vinte escudos por jogador. Com a pensão e com a indemnização pelo meio-dia de segunda-feira, o clube devia gastar, para cada elemento desloçado, cerca de sessenta escudos, pelo menos. Se se multiplicar esta verba pelo mínimo de 14 pessoas — 11 jogadores efectivos, 2 suplentes e 1 director — cada viagem do grupo a Moura, para qualquer clube de Beja, deve representar a despesa de oitocentos e quarenta escudos.

Há uma carreira diária de caminheta para Moura, mas sai às 16 horas de Beja, regressando somente às 10 do dia immediato. É esta a perspectiva, quanto a despesas e dificuldades de viagem, para cada clube de Beja ir jogar a Moura em desfilas de campeonato. E é sensivelmente a mesma para o Moura Atlético, quando lhe chegar a vez de jogar em Beja. Resta acrescentar que para estes gastos não constituem compensação bastante as receitas, por serem pequenas.

Os dois representantes do Despertar fecharam as suas considerações com a declaração de que o seu clube pretendia jogar — mas não podia arcar com despesas de tal ordem.

Objectou-se, por parte de uma das pessoas presentes, que poderiam alugar uma caminheta de passageiros. Mas responderam-lhe que a solução não era possível por falta de pneumáticos. A solução estaria só em permitir-se que as equipas de futebol pudessem viajar, de umas terras para as outras e para pequenas distâncias,

em caminhetas de carga. Mas a direcção da Associação de Beja tentou obter essa permissão no ano findo — sem resultado favorável.

Não sabemos quais serão os resultados de idénticas diligências projectadas para a presente época, sabido, como é, que foi já autorizado o transporte de caçadores em veículos de carga. Está, todavia, aberto o precedente, que tem justificação no facto de, em geral, as caminhetas de carga disporem de mais recursos em pneumáticos. As despesas seriam menores para os clubes, pela facilidade de adaptar o horário dos transportes às horas marcadas para os desfilas.

É, pois, o problema fundamental para os torneios de futebol no Baixo-Alentejo. E é certamente de importância para todas as regiões onde os transportes escasseiam.

## TRÊS SESSÕES DE «BOXING»

(Concluido da pág. 13)

«Ingl...» que emocionaram pela justiça da sua applicação. Tavares da Silva, nosso camarada de redacção e amigo íntimo do homenageado, agradeceu, em nome da comissão organizadora, a presença do publico e a colaboração dos amigos de Ruivo. «Stadium» ofereceu medalhas para os vencedores dos combates de amadores e Helder Cunha offereceu também lembranças aos vencidos dos amadores e a todos os veteranos. Miguel França, campeão nacional da categoria em que Ruivo combatia, deu-lhe o prémio mais apeteido na circumstancia...

Silva Ruivo, emocionadissimo e com lágrimas a bitilarem-lhe nos olhos cansados, agradeceu, ao microfone, em palavras singelas, mas que se sentia bem saírem-lhe do coração: «A todos, meus amigos, muito obrigado!» E desceu do estrado rodeado de carinho e com um brado de flores, a recompensa simples dos veteranos e dos esforçados elementos da comissão organizadora do festival: Tavares Coutinho, Pierre Charles e Silva Lopes.

\*\*\*

A festa foi dividida em três partes. Cumpriu-se quasi na integra, não se fazendo apenas o combate Mário Pereira-Américo Hernani, que devia abrir a parte destinada ao veteranos.

Amadores — Três encontros de 3 rounds: Manoel Martins (Ligado) versus Mimo (Pena), José Ramos (Pichelo) versus Cruz (Passos) (Ligado) e Henrique Santos (Pena) versus Correia (Ligado). Vencedores: Mimo (com seu que de favoritismo na decisão), Cruz Passos e Romeu, o segundo por persistência do antagonista no 2.º round e os outros por pontos, o último depois de um assalto de desempate — que não era preciso para nada — mas com decisão final ao contrario. Arbitragem de Rudolfo Pereira, Henrique Fernandes e Jordão França.

Veteranos — Seis combates, sem decisão (o publico pareceu estranhar que possa haver «no-decision») em três assaltos: Alonzo Denis-Walter Pressler, Carlos Lopes-José Araújo, Felipe Rebordão (o dulco ainda em actividade) Alberto Barbosa, Francisco Brito-Luis Viegas, Xavier de Araújo-Mário Garcia e Basilio de Oliveira-Tavares Coutinho. Arbitragens, respectivamente, de Albano Martins, Pierre Charles, Guilherme Sória, Barro Lopes, Alves da Silva e Vieira Caldas. Houve boas exhibições, distinguindo-se as de Barbosa e Rebordão, Xavier e Garcia, e Basilio e Coutinho.

Barroo deu uma lição de arbitragem. É assim mesmo! Os bouts devem ser ordenados de longe — e não é preciso bater nas luras dos pugilistas nem separá-los. Quando menos o árbitro for notado tanto mais útil será o seu trabalho.

Estiveram no ring alguns antigos profissionais (Albano, Araújo, Barbosa (que bem que ele jogou, a mostrar que a pesar-da idade ainda não perdeu reflexos), Brito e Silvestre. E um homem que foi dos primeiros rapazes que treinou com Ruivo: Humberto Caldas.

Profissionais — Dois combates de 3 assaltos, para exames de aptidões e passagem à categoria, entre Jack Freitas e Alberto Alfonso e Joaquim Matos e Amadeu Brandão (a substituir Pedro Quintana). Os examinados (Freitas, Matos e Brandão) prestaram boas provas, no conjunto, merecendo a aprovação. Dirigiram os combates, respectivamente, Rudolfo Pereira e Alonzo Falco. Para fecho do espectáculo, um demonstração de bouts e 3 americanas, na qual Agostinho Guedes (recebido com muitas e justas palmas) defrontou, successivamente, os espanhóis Luis Sória e Pedro Isasti e o ex-campeão amator dos pesados Edmundo Pereira.

FUTEBOL — A nova comissão administrativa da F. P. F. tomou posse, revestindo-se o acto de grande solenidade e alto significado desportivo.

— A Associação do Porto foi entregue a medalha de Mérito Desportivo, com que altamente a agraciao o Município local.

— Em Estugarda (Alemanha), Viana venceu Hamburgo, por 3-2, na disputa da taça «Teclimmar».

— Alguns resultados de torneios regionais: S. Lisboa Castelo Branco-Albicastrenses, 4-1; Juventude de Évora-Lusitano, 3-1; Leões de Santarém-União Operária, 3-2; Atlético de Alcanena-Ferrovias do Entancamento, 3-0; Vencedores-Académico de Viseu, 6-1; S. L. Viseu-Bodosses, 1-1; Sp. Covilhã-S. L. Covilhã, 9-2; União de Lamas-Sp. Espinho, 2-1.

— Inaugurou-se um campo de jogos em Barca da Amieira.

«GOLF» — Manoel dos Santos ganhou o torneio de Miramar, em 18 buracos.

## Saúdaes! Quem as não tem?!

Saúdaes! Palavra linda de bel za sem igual que nem tem comparação! Outra não se viu ainda ao redor do Portugal... Vai da boca ao coração! Um termo bem portuguez de grande significação sem igual — em todo o mundo! Mas, na sua poquez, esse termo, tão usado, tem um sentido profundo!

Saúdaes do passado do tempo que já lá vai e não volta! Nunca mais... Sente-se a gente cansado! É a vida, que se esvai, Já perdida a mocidade... Esta palavra saúdaes vem de avós, de nossos pais! É um termo tão bonito de um sabor exquisito que diz tudo — e não diz nada! É assim a saúdaes... Uma fala tão bonita, está palavra bendita que só não compreendemos! Sente-la?! Tanto agrado... Mas nem sempre a entendemos!

É noite de agitação... Noite fria — mas tão bela... .. como outra jamais vi! Bate mais o coração! Noite linda, como aquella, nunca eu, igual, senti... É miú grande a convicção de quem foi — um campeão e soube entusiasmar não a nova geração mas a gente de há vint'anos! Ah! Como é bom recordar... Este quadro não mudou! Foi-se embora a ilusão e ficaram desenganos... .. do tempo da mocidade! Como tudo já passou!

Um homem sobre o estrado com seu deo de fatigado... É o Ruivo, que recebe as palmas da multidão! A nossa mente concebe, nesse supremo momento, o grande contentamento que vive na sua alma... Só não chora por que é... feio... Mas é muita a comoção! E logo em seguida veio a fazer, de novo, calma... Ruivo acaba de descer e dá-nos a entender a sua imensa alegria! Se nos lábios lhe corria um sorriso de bondade sangrava-lhe o coração... Era, em suma, a saúdaes dos tempos que já lá vão... .. e não voltam — podem crêr! Uma página de história do desporto! (a via glória, efémera e transitória) Acabou-se de escrever para quem compreender...

ZÉCAS TLÃO

## Acontecimentos da semana

«BASKET-BALL» — Por motivo das decisões tomadas pela Federação, o Atlético Clube de Portugal foi proclamado vencedor do Torneio dos Campeões, que se effectou em Coimbra na abertura da época.

«BOXING» — Na praça de toiros de Las Arenas, em Barcelona, effectou-se no domingo uma reunião luso-espanhola, na qual toreador parte Bení Levi e Augusto de Sousa, respectivamente, campeão de Portugal dos «meios-médios» e candidato ao título da categoria. Sousa defrontou Alabau (que já aqui jogou, em Lisboa e no Porto) e Levi teve por adversário o campeão de Espanha: Ferrer.

O portuense — tal como na sua estreia, em Barcelona, com Martínez Ferrer — teve a fortuna do seu lúbio: ganhou por knock-out tecnico, no 4.º round. Mas o macedoniano voltou a não beber os arca de Espanha... Perdeu por pontos, em 10 assaltos, com a justificação de ter jogado em má condição física e ainda de haver fracturado a mão direita, a meio do 5.º round. Não deixa, porém, de ser uma nova derrota de Levi em Espanha! É estas «coizas» — insignificantes a primeira vista — têm sua influencia na carreira de qualquer boxer.

Ter-se-á a pagado a «estréla» do valoroso moçambicano o campeão nacional? Os próximos combates de Levi, em Espanha, com Mico, Gonzalez e Peiró (3.º luto) dar-nos-ão a resposta decisiva. E, entretanto, Sousa (em período de recuperação) vai criando confiança para arrebatar-lhe o título e cobri-lo título...

CICLISMO — Reunioes do congresso da U. V. P., que nemou as commissões revisoras do estatuto e instaladora da nova Associação de Lisboa. A U. V. P., pela nova organisação do desporto, passa, de futuro, a chamar-se Federação Portuguesa de Ciclismo.

COMEMORAÇÕES — O Lisboa Ginnásio Clube, prestimoz instituto de educação física, festeja as suas «Bodas da Praxe» na semana em curso.

— A fim de celebrar a passagem do seu 30.º anniversario, o Sport União Sintense promoveu a inauguração de novas installações na sua sede, com um festival que foi muito lúido.

NAUTICA — Recomeçou o curso de instrutores de marinharia da «Associação Portuguesa».

TÊNIS DE MESA — Tomaram ontem posse dos seus cargos os novos corpos gerentes da Associação de Lisboa.

— Têm sido disputados com muito entusiasmo os campeonatos do «LH». A prova de principiantes concluiu já, com a vitória de José Nuno Palma.

TIRO — Nas provas commemorativas do cluientenário da S. T. n.º 2 (antigo Grupo Patrão), verificaram-se os vencedores seguintes: José Rodrigues da Silva (S. T. 2), na «Presidente da República», 135 pontos; S. T. 2 (Calvet de Magalhães, 157 p.); A. João Bravo, 153 p.; João Bravo, 129 e La Grange e Silva, 180), na «Ministério da Educação Nacional», 74 pontos; (S. T. 54), na «Veteranos», 90 pontos; e Moisés Cardoso (S. T. 43, Pórtio), na «Comité Olímpico Portuguez», 18 balas acertadas numa série de vinte tiros.

— Começou a disputar-se a prova «Outono», promo vida pelo C. A. Campo de Ourique.



**É** difícil ser árbitro — mas ser um bom árbitro é ainda mais difícil.

A função de que se acha investido um juiz de campo, quando se encontra no pleno exercício dessa qualidade, é cheia de espinhos, visto que na sua actuação podem ter enorme preponderância determinados factores.

Temos visto árbitros cujo trabalho, começando bem, termina mal; outros que principiam mal e acabam bem; outros, ainda, de irregularidade ininterrupta; e alguns que, mantendo linha definida, são felizes ou infelizes no julgamento de certas faltas.

Essa forma de agir tem grande influência nas assistências. Simplemente porque um árbitro segue determinada norma — da qual resulto benefício para o grupo com que se simpatiza... — todos os outros que não tenham a mesma forma de julgar recebem o descontentamento formal da turba...

De facto, há diversas maneiras de apreciar as faltas, todas elas subordinadas ao critério individual de cada um dos juizes, ou, ainda, ao bom ou mau discernimento das infracções — e consequentemente interpretações diferentes das leis, que não chegam, porém, a constituir erros.

Os pontos frágeis de quasi todos os árbitros — e não damos, com isto, novidade nenhuma ao leitor — são os «off-sides» e as «penalties»; os primeiros, especialmente na anulação de bolas que são rematadas por um jogador que não tem entre si e as balizas os dois adversários, mas recebe a bola de um contrario; os segundos, no julgamento deficiente das «mãos» involuntárias ou das entradas duras da defesa, sem haver violências, mas em que a «habilidade» do inimigo provoca a penalidade máxima.

Há jogadores que são «ases» neste processo como ha árbitros que são infelizes nas resoluções correspondentes.

Lapses? Quem não os tem? Erros de visão? Quem se pode julgar infalível?

Mas o público, viciado pelas arbitragens deféituosas, em tudo vê más intepções ou vontade de prejudicar o grupo seu predilecto.

É preciso, portanto, educar o público nesse sentido. E para tal o que há a fazer é dar-lhe boas arbitragens. Um árbitro que falha é um árbitro posto à margem pelo espirito clubista da assistência.

Mas se devem ao público bons árbitros, não acastará o resultado dos jogos com serenidade. De onde se prova que a educação desportiva do nosso povo tem de ser feita de dentro para fora...

## Notas... sem valor

**D**IA grande para a «família» do Salgueiros! A vitória do Bessa, no recomeço da segunda volta do campeonato regional, contra o Boavista, uma das melhores equipas da 1.ª divisão, deu aos «encarnados» maior confiança. As duas formações divisionárias bateram-se com toda a lealdade e desportivismo. O Salgueiros, a perder no primeiro tempo por 1-0, conseguiu bater o Boavista com dois «goals» de Alfredo!...

— O Académico sofreu um novo «desaire» no campo da Constituição, contra o F. C. do Porto. O grupo, um pouco melhor no sentido técnico, não tirou partido na segunda parte, quando comandou o jogo. A «infiltração» de gente nova na equipa de honra é o principal objectivo dos dirigentes do Académico. A massa associativa, «muito exigente», não tolera — com pouca consciencia, diga-se — o trabalho sensato dos dirigentes. Com o tempo é possível que muito em breve os elementos da opposição — aliás poucos — modifiquem o seu pensamento...

— O Minho, com a extinção da A. F. de Viana do Castelo, está a dar um bom contingente de jogadores. Por isso a «pesca» tem sido constante... Depois de Matias, vieram ao Porto prestar provas no Salgueiros, a solicitação de Miguel Ribeiro da Silva, um dirigente com personalidade, alguns desses elementos. Um dos «viajantes» estranhou e não cumpriu, revelando pouco «saber» no treino.

## A Associação Portuense de Atletismo

ainda não tem dirigentes!

**N**O momento em que saírem publicados estes ligeiros apontamentos, já a A. P. A. se deve encontrar sem dirigentes: a sua Comissão Administrativa, após o cumprimento da missão que lhe foi imposta — organizar os habituais campeonatos regionais — prepara-se para entregar o seu «mandato» ao delegado no Porto da Direcção Geral dos Desportos.

O que irá passar-se agora?

Nesta interrogação, aparentemente inofensiva, joga-se o futuro do atletismo portuense. Isto quer dizer que as aparências iludem...

Chegou, portanto, a altura de juntar à volta do atletismo todos os seus entusiastas, para que a modalidade não volte a viver no mesmo ambiente de dificuldades da época passada. Aos clubes, sobretudo, compete o dever de organizar um elenco directivo para a A. P. A., que comece — e desde já — a trabalhar.

Dada a desorganização lamentável de todos os serviços da nossa Associação, necessário se torna que os futuros dirigentes disponham de tempo conveniente para o trabalho, pois a não ser assim nada se poderá conseguir de útil.

Estamos em Novembro e a época de pista que não se fará demorar. Ora se as coisas tomarem, mais uma vez, o rumo da temporada finda, acabaremos por não ter provas de atletismo...

Vale a pena, pois, insistir mais uma vez — todas as cautelas são poucas... É preciso nomear desde já um elenco directivo para a A. P. A.!

Com a chegada do mês de Novembro, é tempo de os nossos clubes pensarem na organização das suas «turmas» atléticas, para se dar início, em seguida, à sua preparação.

Em primeiro lugar no gymnásio, escolhendo os movimentos mais próprios para a especialidade que cada um pratica — e isto com a colaboração de ligeiras provas de «cross» que devem ter lugar ao domingo pela manhã. Depois, mais tarde — Fevereiro ou Março — começar com um trabalho de pista, procurando-se corrigir déficits de ordem técnica e oferecer noções de tática, pormenor que parece não preocupar a maioria dos nossos atletas... Em síntese: é tempo de se começar a preparação dos atletas nortenhos.

**Bicicletas «FLECHA»**

A GRANDE MARCA  
DOS CAMPEÕES

Regressou a Ponte do Lima. Acentue-se, pelo menos, a boa intenção de Ribeiro da Silva.

— A segunda Associação de Futebol do país — Porto — teve justo prémio da Câmara Municipal com a concessão da «Medalha de Ouro» da cidade. Para a sua entrega vai efectuar-se uma sessão solene, durante a qual será o galardão colocado no respectivo estandarte.

— Um caso de profissionalismo numa modalidade pouco «alicerçada» — o ping-pong. O caso foi debatido, na assembleia da Associação, e com «bases» seguras, pelo delegado de um clube. No entanto, procurou-se evitar a celeuma, muito embora todos ficassem conhecendo a «história». Vieira da Cruz, um carola do ping-pong, com «folha» exemplar como dirigente e praticante, não deixou passar em «branco» o caso...

— A situação de Alexandre Madureira, jogador vascaíno, foi tratada também na assem-

bléa do F. C. do Porto continua a manter pelo seu atletismo aquêlle entusiasmo agradável que a época passada revelou.

Luís Retumba e Arnoldo Borges — dois incansáveis e dedicados dirigentes — foram reconduzidos aos seus postos de chefe de secção e treinador. Este facto é já uma garantia da presença dos «azuis-brancos» nas próximas provas atléticas do norte.

Aqui está uma boa notícia!  
Falta só que os restantes clubes sigam o salutar exemplo do F. C. do Porto.

E. S.

## Aquela tarde no Bessa...

**P**ENSE, caro leitor, no que poderia fazer se o seu grupo, depois de haver lutado com infelicidade flagrante, às voltas com uma defesa estupefata, a perder durante quasi todo o tempo regulamentar — acabava por obter o triunfo quando faltava menos de meio minuto para o apito final!...

Imagine-se uma hora dessas de delírio louco e ficar-se-á alguém do que foi aquela tarde no campo do Bessa, quando o Salgueiros, a segundos do fim, marcou a bola que lhe deu a vitória, que lhe fez robustecer as esperanças no segundo lugar — para o torneio maior.

A alma salgueirista vibrou, deu largas à sua alegria de forma intraduzível, expandiu-se de lés-a-lés ao campo, empolgando mesmo aquêles que ali estavam por motivo profissional, ou por simples disti-ção.

Parece que um vento de insanía arrebatou o pensamento de todos, erguendo no ar um coro de aclamações e transformando o terreno em verdadeira casa de Ortes!

Havia lágrimas nos olhos dos mais esturrados... Os corações, oprimidos até então, vivendo aquêles minutos como se fossem séculos, libertaram-se. Cantou-se, pulou-se, jogaram-se ao ar chapéus e casacos — e até houve quem, num momento de rubro entusiasmo, fizesse uns passos de dança...

Depois, quando o encontro terminou, os jogadores foram levados em triunfo, beijados por bocas famintas de uma hora de triunfo como aquela, por entre vivas e palmas, como se tratasse da conquista do campeonato...

Não se diga que o jogo não mereceu êsse transbordar de doído entusiasmo. Os 90 minutos do encontro vividos da maneira como o foram, justificam amplamente essa al-jria. A vitória era quasi a garantia da desejada classificação — de um lugar tantas vezes ambicionado e que os azares da luta nunca consentiram.

Aquella tarde, no campo do Bessa... Haverá na falange salgueirista quem a possa esquecer?

bleia da Associação respectiva. Houve que terçar armas contra os «amigos» do Vasco, a quem o afastamento do seu jogador tem prejudicado. Entretanto, registre-se a maneira ponderada como se apreciou a questão.

— No jogo Boavista-Salgueiros appareceu um novo árbitro na 1.ª Divisão, Anísio Morgado. O seu trabalho foi excelente. Foi uma «bomba» para os «consagrados»... Num ambiente diferente, num jogo difícil para qualquer árbitro com «caos», não falseou a sua missão, denotando conhecimentos e serenidade. Teve pulso para o jogo, o que denota personalidade, coisa que nem todos têm...

DR. ALVARENGA





# Stadium

## No PORTO

1 — Mascote remata em boas condições mas o «keeper» do Leça defende com êxito; 2 — Os avançados do Boavista não conseguem passar a defesa do Académico; 3 — A luta entre a defesa do Leça e o ataque do Salgueiros; 4 — A cerimônia da entrega da medalha de ouro do Município portuense ao Futebol Clube do Porto

(Foto Hermann)